



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia

**CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DAS COMUNIDADES RURAL E URBANA DO
QUILOMBO DA SERRA DO TALHADO NO MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA-PB**

FABRÍCIO OLEGÁRIO DE MEDEIROS

Campina Grande – PB
2014

FABRÍCIO OLEGÁRIO DE MEDEIROS

**CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DAS COMUNIDADES RURAL E URBANA DO
QUILOMBO DA SERRA DO TALHADO NO MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aretuza Candeia de Melo

Campina Grande – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

488 Medeiros, Fabrício Olegário de
Configuração territorial das comunidades rural e urbana do
Quilombo da Serra do Talhado no Município de Santa Luzia-PB
[manuscrito] / Fabrício Olegario de Medeiros. - 2014.
46 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Aretuza Candeia de Mello,
Departamento de Geografia".

1. Quilombo 2. Comunidade Quilombola 3. Aspectos
Culturais 4. Aspectos Econômicos I. Título.

21. ed. CDD 305.8

FABRÍCIO OLEGÁRIO DE MEDEIROS

**CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DAS COMUNIDADES RURAL E URBANA DO
QUILOMBO DA SERRA DO TALHADO NO MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA-PB**

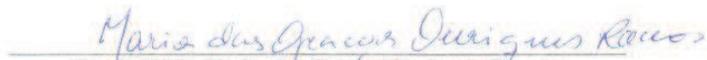
Aprovado em 25 de Junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA



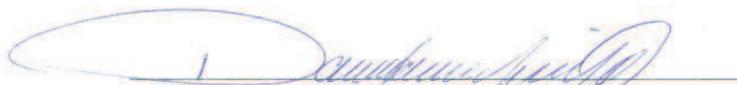
Prof.^a Dr.^a Aretuza Candeia de Melo

Orientadora



Prof.^a MSc. Maria das Graças Ouriques Ramos

1º Examinador



Prof. Esp. Daniel Duarte Campos

2º Examinador

Dedico

Aos meus pais - Sebastião Olegário e Maria Cardoso, irmãos (Fátima, Fabiana e Flávio) e minha noiva Michelle, que me apoiaram em toda a minha jornada acadêmica e me serviram de fonte de inspiração e amor.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, pelo dom da vida e pela oportunidade de vivenciar esses momentos importantes e inesquecíveis.

À minha orientadora, Dr^a. *Aretuza Candeia de Melo*, por me enveredar pelos melhores caminhos no desenvolvimento deste trabalho.

A comunidade quilombola rural e urbano da Serra do Talhado, principalmente as *louceiras* e aos *grupos de forró pé de serra*, pelo acolhimento e importante contribuição sociocultural.

Aos demais professores do Curso de Geografia, em especial – Dr. *João Damasceno*, MsC. *Marlene Macário*, MsC. *Arthur Valverde* e Dr^a. *Josandra Araújo*, pelas orientações e lições passadas em toda a minha jornada acadêmica, que levarei para o resto da minha vida.

Aos meus colegas de curso *Diego Tadeu*, *Mário Ferreira*, *Dayane Gomes*, *Élida Nóbrega* e *Joseilton Batista*, e aos demais, que me proporcionaram experiências marcantes.

Aos meus amigos que tive a oportunidade de conviver durante todo este tempo, e que de certa forma contribuíram direta ou indiretamente na produção deste trabalho: *Diogo Medeiros*, *Ramon Bezerra*, *Caio Victor*, *Francisco Neto*, *Pedro Miguel Neto*, *Fabrycio Érico* (Ceguinho) *Alexandre Segundo*, *Saulo Filho* e *Nilo Medeiros*.

RESUMO

No município de Santa Luzia-Paraíba, precisamente na Serra do Talhado e no Bairro São José da referida cidade, se encontram as comunidades Quilombola da Serra do Talhado. Na pesquisa junto ao grupo foram entrevistados moradores do quilombo urbano e rural, com o propósito de desmistificar questões sobre os aspectos socioculturais e econômicos da referida comunidade quilombola. O objetivo foi descobrir como os movimentos populacionais realizados pela maioria das famílias do quilombo rural em direção à comunidade urbana está afetando os aspectos populacionais, educacionais, econômicos e socioculturais do referido grupo. Identificou-se que o fabrico de peças em argila está intrinsecamente ligado a história de formação e a identidade das pessoas deste lugar, é um símbolo da resistência às diversidades pelas quais essa gente passou no decorrer das últimas décadas. A musicalidade existente, principalmente entre homens da comunidade, é outro importante fator econômico e cultural, visto que essa atividade desenvolveu-se como um meio de descontração para este povo tão castigado pela seca, miséria, falta de oportunidades no mercado de trabalho formal e pelos longos dias de trabalho no campo. Vivencia-se também a dinâmica estrutural na economia do grupo, que tem uma origem comum; apenas ocupam espaços que os oferecem oportunidades distintas de ascensão social. Portanto, aponta-se como grandes desafios das comunidades estudadas a manutenção dos seus traços culturais e socioeconômicos, já que estão inseridos num cenário no qual os órgãos públicos competentes deduziram que seria mais interessante para a comunidade migrar para a cidade e instituir espaços externos ao grupo, do que fomentar políticas públicas voltadas à manutenção da comunidade no seu lugar de origem. Nessa perspectiva percebeu-se que se continuar nesse ritmo, o quilombo rural do Talhado voltará a ser um espaço perdido nas lombadas do Planalto da Borborema e isolado das instituições do país, como foi descrito pelo cineasta Linduarte Noronha no documentário Aruanda (1960), com apenas uma diferença daquela época para cá: daqui a alguns anos se transformará num lugar mais parecido com uma cidade fantasma devido aos efeitos do abandono e do tempo.

Palavras-chave: Comunidade. Quilombo. Cultura. Louça. Grupos. Música.

ABSTRACT

In the city of Santa Luzia, Paraíba, precisely in the Talhado's Ridge and São José neighborhood of that city, where the Serra do Quilombo communities Talhado. In research were interviewed with the group of urban and rural residents of the quilombo, aiming to demystify questions about the sociocultural and economic aspects of that quilombo community. It was found that the production of works in clay is intrinsically linked to the history of the formation and identity of the people of this place, which is a symbol of resistance to diversity by which these people spent over the past decades. The existing musicality, especially among men of the community, is another important economic and cultural factor, since this activity was developed as a means of relaxation for this people so punished by drought, poverty, lack of opportunities in the formal labor market and the long days of fieldwork. Is experienced also the structural dynamics in the group savings which has a common origin economy; just occupy spaces that offer distinct opportunities for social mobility. Therefore, it is pointed out as major challenges of the communities studied maintain their cultural and socioeconomic traits, as they are inserted into a scenario in which the public authorities have deduced that it would be more interesting for the community to migrate to the city and to create outdoor spaces to the group than foster aimed at maintaining the community as a place of origin policies. From this perspective it was realized that if it continues at this pace, the Rural Quilombo Talhado again be a lost space on the spines of the Borborema Plateau and isolated the country's institutions, as described by the documentary filmmaker Linduarte Noronha, Aruanda (1960), with only a difference of that time here: a few years will become a more like a ghost town due to the effects of abandonment of time and place.

Keywords: Community. Quilombo. Culture. Crockery. Groups. Music.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REVISÃO DE LITERATURA	12
1.1 Análise Descritiva Concernente aos Aspectos Conceituais e Históricos das Comunidades Quilombolas.....	12
1.2 Abordagem Sócio Antropológica dos Quilombos no Brasil.....	14
1.3 A Legalização dos Quilombos no Brasil: uma política de direitos humanos em conformidade a Constituição Federal de 1988.....	18
2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: localização geográfica, fatores físicos e aspectos históricos	20
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
3.1 Dinâmica Populacional da Comunidade Rural e Urbana da Serra do Talhado.....	23
3.2 Atividades Econômicas Desenvolvidas pela Comunidade do Talhado Rural e Urbano.....	26
3.3 Aspectos Educacionais da Comunidade Rural da Serra Talhado.....	30
3.4 Aspectos Educacionais da Comunidade Urbana do Talhado.....	32
3.5 Aspectos Socioculturais dos Remanescentes das Comunidades Rural e Urbana do Talhado.....	33
3.6 Da Vivência do Campo à Cidade: uma perspectiva de um retrato das experiências vivenciadas na comunidade quilombola do Talhado.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discorreremos sobre os aspectos conceituais e históricos dos quilombolas no Brasil, bem como a dinâmica que envolve as questões indenitárias dos povos remanescentes de quilombos. Em meio a esta discussão, coube fazer uma abordagem antropológica dos mocambos no país, analisando o processo de formação desses que, durante e após o período escravocrata foi para muitos negros a única saída encontrados para se livrar dos açoites das chibatadas dos seus senhores. Outro ponto que merece destaque dentro dessa perspectiva foi a legalização dos Quilombos no Brasil, por meio de políticas de direitos humanos baseando-se na Constituição Federal de 1988.

A comunidade quilombola da Serra do Talhado é um grupo que se originou em meio à sociedade escravocrata brasileira em meados do século XIX, por volta de 1860. Conta a história que um negro fugitivo de fazendas no Piauí de nome José Bento Carneiro (Zé Bento) e sua esposa Maria Cecília da Purificação (Mãe Cizia) foram os primeiros moradores do quilombo rural do Talhado. Inicialmente essa gente tinha sua economia baseada na fabricação de louça e na agricultura de subsistência, onde os principais produtos cultivados era feijão, milho e algodão.

Quanto à dinâmica estrutural do grupo atualmente, sua organização econômica está moldada a partir de aposentadorias e programas assistencialistas do Estado e da Fundação Cultural Palmares. Ao longo dos anos a comunidade está passando por um forte processo migratório que se caracterizou pelo êxodo das famílias do Quilombo rural para o urbano. Diante da situação afirma-se que, o grupo está sendo vítima do que se pode denominar de genocídio a seus aspectos socioculturais, pois se acredita que a região onde está localizado o quilombo rural não ofereça mais as mínimas condições de vida para essas pessoas.

Esta pesquisa tem como objetivo entender a configuração territorial das comunidades quilombola rural e urbana da Serra do Talhado no município de Santa Luzia-PB. Busca-se aqui compreender a estrutura organizacional do referido grupo nos seus aspectos populacionais, educacionais, econômicos e culturais. No decorrer deste trabalho almejou-se conhecer a subsistência econômica da comunidade descrevendo as principais atividades socioeconômicas desenvolvidas pelos indivíduos do grupo.

Este estudo teve como base investigar as mudanças que estão ocorrendo nas comunidades Quilombolas rural e urbana da Serra do Talhado no município de Santa Luzia-PB, principalmente em seu âmbito social, cultural e econômico. Busca-se entender por meio do método descritivo-quantitativo as causas que levaram a população a sair do seu

lugar de origem a procura de novos espaços para estabelecerem moradia e prosseguir conservando a estrutura organizacional do grupo. Nessa perspectiva foram utilizadas neste trabalho imagens fotográficas, aplicação de questionários socioeconômico e cultural e programas de computador (Excel) para tabulação dos dados, entrevistas e pesquisa documental em órgãos públicos.

Os dados foram levantados a partir da aplicação das entrevistas e questionários com a população das comunidades quilombolas rural e urbana do Talhado. A pesquisa documental restringiu-se as Secretaria de Saúde e de Cultura e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o objetivo de encontrar informações que viesse a ajudar a esclarecer as dúvidas acerca da comunidade.

Para realizar o levantamento dos dados foram quantificadas 85 famílias de um total de 269. Nessa perspectiva, se aceita 10% de erro na amostra, que assim passou a ter uma fiabilidade de 90% de acerto. Os entrevistados foram escolhidos de forma aleatória, no qual todos tinham as mesmas chances de serem entrevistados. Para a análise das informações coletadas foi necessário a utilização da planilha Excel a fim de fomentar o banco de dados, nos quais foram armazenados os resultados obtidos.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Análise Descritiva Concernente aos Aspectos Conceituais e Históricos das Comunidades Quilombolas

O termo *comunidades quilombolas* significa os grupos étnicos organizados predominantemente de indivíduos de cor negra, que ao longo do tempo espacial geográfico conservaram seus traços culturais regionais próprios, principalmente do Nordeste brasileiro, nas zonas rurais e urbanas do território Brasileiro. O Decreto de N° 4887/2003 da Presidência da República no seu artigo 2° aponta que:

“Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

O referido Decreto regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (2003). As comunidades quilombolas são grupos cuja identidade étnica, traços culturais, uso da terra, sustentabilidade econômica, organização do espaço vivido, origem e todos os tipos de violência sofridos no período escravocrata os distinguem do restante da sociedade afrodescendente no Brasil. Portanto, podem-se apontar os quilombolas como únicos em meio a outros grupos sociais presentes no espaço geográfico brasileiro, no transcorrer da história econômica e social da população, especialmente nordestina.

As comunidades quilombolas são grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do resto da sociedade. A associação Brasileira de antropologia define as comunidades quilombolas como “grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”. São comunidades que se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, tanto durante a vigência do sistema escravocrata, que por mais de 300 anos subjugou negros trazidos da África para o Brasil (PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA, 2007, p.10).

Para o reconhecimento de uma comunidade quilombola é necessário que o grupo tenha construído ao longo da temporalidade histórica sua identidade como remanescentes de Quilombos, dessa maneira se alto reconhecendo e identificando-se como tal. Fica instituído no Artigo 2°, § 1° do Decreto de N°4887/2003, que a caracterização dos remanescentes das comunidades dos Quilombos será atestada mediante auto-definição da própria comunidade.

(...) Sua identidade se define “pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo. Trata-se, portanto, de uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados” (PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA, 2007, p.11).

Nas últimas décadas ocorreram mudanças nas leis que regem a regulamentação dos grupos sociais considerados Quilombolas, em conformidade com a Constituição Federal (1988). Devido a estas alterações percebe-se que um conjunto maior de elementos que antes não estava agrupado a estes passaram a constituírem como parte integrante do Decreto de Nº4887/2003. Santos & Doula (2010) analisam a questão: os termos autoafirmação e trajetória história própria dão conta de expandir o conceito de forma que uma miríade de comunidades nele se reconheça inclusive afrodescendentes que não se mantiveram em terras devolutas, outrora caracterizadas como quilombos.

Ao analisar a questão entende-se que o novo conceito do quem vem a ser comunidades quilombolas está sendo moldado a partir das mudanças ocorridas nas leis de regulamentação dos quilombos, demarcações e titulações de terras. Como visto anteriormente para que um determinado grupo seja reconhecido como tal alguns elementos são essenciais, como: atribuição, identidade quilombola, conservação da cultura, relações territoriais, ancestralidade negra e valores. Santos & Doula (2010) analisam a questão:

A essência quilombola não está apenas nas raízes históricas, ela se concebe a partir de um projeto de pertença, de auto-definição, de uma articulação cultural de comunidades negras que, de alguma forma, se aglomeraram e preservaram relações indenitárias com a cultura afro-brasileira (SANTOS & DOULA, 2010, p. 8).

Vale lembrar que as terras dos remanescentes quilombolas estão intrinsecamente ligada a identidade cultural desses povos, visto que os territórios foram adquiridos a partir de doações dos seus senhores, compra por negros alforriados e invasões de terras distantes de difícil acesso (SCHMITT, et. al (2002). Os autores ao analisarem a tese de identidade dos povos remanescentes de quilombos com as terras a partir dos laços de familiaridade. (...) *Parentesco e território, juntos, constituem identidade, na medida em que os indivíduos estão estruturalmente localizados a partir de sua pertença a grupos familiares que se relacionam a lugares dentro de um território maior.*

Neste caso, enquadram-se as terras pertencentes aos parentes de quilombolas herdadas por filhos e netos, dessa maneira a relação de pertencimento e apego ao lugar acaba tomando maior importância. Ressalta-se também a questão da terra quilombola como grande desafio desse povo ao longo da história, já que muitos foram os conflitos gerados por conta do

território. Pois a identidade criada por essas pessoas está intrinsicamente ligada ao lugar onde foram constituídos os quilombos.

As leis que são responsáveis pela regularização das terras ditas de “*pretos ou negros*” atestam a forte ligação e o sentimento de pertence dos povos quilombolas com suas terras. Analisa-se este caso, por meio do Artigo 2º, § 2º, do Decreto de N°4887/2003. É possível afirmar que são áreas ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica, e exponencialmente cultural. Refletindo sobre adissidência identifica-se que estas áreas não servem apenas para retirada do sustento, é nestes mesmos espaços onde são realizadas as manifestações culturais, artísticas e religiosas do povo negro. Segundo Souza & Jardim (2012, p.67):

(...) Além de ser o suporte indispensável à sobrevivência econômica, a terra dos pretos é o espaço onde se projeta a identidade étnica e a solidariedade comunal. Lá estão enterrados os mortos, lá estão plantadas as ervas medicinais e mágicas, lá estão os locais de oferendas religiosas, lá estão às âncoras da memória das comunidades. Por isso, além de terras de produção, as terras de pretos são territórios de memória e de identidade.

Quando associada às ferramentas territoriais dos povos remanescentes de comunidades quilombolas com a identidade étnica e cultural dos afrodescendentes não se dá menor importância do uso da terra quanto ao discurso de moradia, econômica, sobrevivência, e estratégicas. Porque se compreende que estes povos necessitam da terra para a prática da agricultura de subsistência, pesca, caça e extração de matéria-prima utilizada no fabrico de utensílios com diversas finalidades, em especial os recursos como barro, madeira, pedra entre outros.

1.2 Abordagem Sócio Antropológica dos Quilombos no Brasil

Os quilombos no Brasil passaram a fazer parte do cenário nacional nos primórdios do período Colonial, a partir do século XVI, estendendo-se até o século XIX, perpetuando por aproximadamente 300 anos de história. Muitos destes formaram-se a partir das rebeliões que geralmente terminava na fuga em massa ou individual dos escravos, a busca era por terras distantes de difícil acesso com posição geográfica estratégica para que não fossem encontrados e vítimas de ataques ou capturados pelos senhores de engenhos.

A escravidão negra foi implantada durante o século XVII e se intensificou entre os anos de 1700 e 1822, sobretudo pelo grande crescimento do tráfico negreiro. O comércio de escravos entre a África e o Brasil tornou-se um negócio muito lucrativo. O apogeu do afluxo de escravos negros pode ser situado entre 1701 e 1810, quando 1.891.400 africanos foram desembarcados nos portos coloniais (www.geledes.org.br/esquecer-jamais/14716-a-historia-da-escravidao-negra-no-brasil, 2014).

Nesta época criou-se a profissão de capitão-do-mato: era um homem designado para perseguir e capturar negros fugitivos. Com receio da dimensão que os quilombos passaram a constituir-se, a Monarquia Portuguesa instituiu um decreto afirmando que qualquer agrupamento de cinco ou mais negros fugidos e estabelecidos em uma área já era considerado como quilombo, isso no decorrer no século XVII.

A história dos quilombos no país se confunde com a própria formação do povo brasileiro. Essas comunidades, que se formaram a partir do final do século XVI, com o crescimento do número de escravos a cruzarem o Atlântico, trazido à força de várias regiões da África para serem comercializados aqui, surgiram como uma resistência da população negra ao regime escravocrata imposto no período” (REVISTA QUILOMBOS HOJE. p. 04).

A formação dos quilombos foi à única saída encontrada pelos negros escravizados para se livrarem das diversas formas de violência sofridas nas senzalas das grandes fazendas e engenhos. Constituiu-se como o meio mais organizado de luta e repressão contra o sistema escravocrata adotada no Brasil - Colônia. A busca era por um lugar onde os negros tivessem dignidade, ou seja, “*liberdade*” e estivesse livre dos açoites das chibatadas, um local onde eles pudessem cultivar suas lavouras de milho, feijão, mandioca (PMCSA. 2007). O espaço onde conseguisse expressar, cultivar e repassar para os mais novos os sentidos da cultura Africana, as danças, cantos e a religiosidade. Traços culturais estes que era fortemente combatida nas senzalas e qualquer um que desobedecesse seria severamente castigado.

Os quilombos representam uma das maiores expressões de luta organizada no Brasil, em resistência ao sistema colonial-escravista, atuando sobre questões estruturais, em diferentes momentos histórico-culturais do país, sob a inspiração, liderança e orientação política ideológica de africanos escravizados e de seus descendentes de africanos nascidos no Brasil. O processo de colonização e escravidão no Brasil durou mais de 300 anos (SIQUEIRA, 2007, p. 03).

Os quilombos localizavam-se geralmente em lugares isolados do resto da sociedade, era formado a partir da agregação de grupos de negros fugidos ou libertos que não tinham para onde ir. Os mocambos tinham em comum a organização social que os direcionavam rumo à liberdade e a dignidade, que eram os principais ideais dos grupos. *Os quilombos são a materialização da resistência negra à escravização, foi uma das primeiras formas de defesa dos negros, contra não só a escravização, mas também à discriminação racial e ao preconceito* (SILVA, 2012, p. 6).

Esta nova forma de organização social estava se fazendo presente em meio à sociedade colonial brasileira e de muitos países pelo mundo afora que adotaram o sistema escravocrata, pois esse não era vista com bons olhos pelos senhores de escravos, que encontravam por meio do sistema escravista mão de obra de graça, onde as despesas dos senhores com os escravos limitavam-se apenas na aquisição do mesmo. Enquanto os negros passavam a maior parte do seu dia realizando os diversos tipos de trabalhos árduos dentro das fazendas recebendo por isto apenas os restos de comidas que sobravam da casa grande.

O regime escravista sacrificava a liberdade e a autonomia do negro africano escravizado. Os direitos dos escravos não eram na maioria das vezes reconhecidos pelo senhor e a única forma que tinham de “enfrentar” o comportamento arbitrário era o empreendimento da violência e da fuga (ou marronage) ocorrendo com frequência, fazendo com que os senhores propusessem negociações com os escravos, mas quase sempre essas negociações eram mediadas através da violência (BARBOSA, 2009, p. 216).

Os quilombos na sua essência era um espaço onde os negros buscavam viver em paz e livres das atrocidades cometidas pelos homens brancos contra sua gente. Na sua totalidade as pessoas que configuravam a demografia dos quilombos eram negros escravizados na África e descendentes nascidos no Brasil. Mas, também era dado abrigo a indígenas, idealistas filhos de senhores de escravos, que iam de encontro ao sistema em vigência e moças que fugiam de casa, em alguns casos porque era contra o sistema escravista.

Para Silva (2012), no decorrer da história entendem-se os quilombos como lugares pacíficos, mas, apesar de ser um local calmo estes indivíduos possuíam na estrutura organizacional do grupo fortes exércitos armados prontos para agir a qualquer momento, diante dos constantes ataques organizados pelos colonizadores e latifundiários. Estes exércitos também eram utilizados na invasão de fazendas e saquear viajantes que transportavam escravos, mantimentos, armas e munição. Grandes foram os conflitos entre estes exércitos formados por escravos fugidos e libertos e os senhores nas invasões as grandes fazendas para libertar outros “pretos”, pois estas invasões eram responsáveis pelo fortalecimento desses exércitos que, a cada incursão, mais soldados dispostos a lutar eram recrutados pelo bando.

Isolados ou integrados, dados à predação ou à produção, o objetivo da maioria dos quilombolas não era demolir a escravidão, mas sobreviver, e até viver bem, em suas fronteiras. Também não procede, exceto talvez em poucos casos, a ideia de que os quilombolas fugiam para recriar a África no interior do Brasil, com o projeto de construir uma sociedade alternativa à escravocrata (...) (REIS, 1996, p. 19).

Os quilombos no Brasil não serviram de abrigo para os negros apenas no período escravocrata, mesmo após a institucionalização da Lei Áurea Nº 3.353, em 13 de maio de 1888, que decreta no seu Art. 2º: *É declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no*

Brasil. Com a promulgação desta lei milhares de escravos libertos ficaram abandonados pelas estradas que davam acesso as fazendas e ruas das cidades sem terem para onde ir. Diante do caos que estes indivíduos encontravam-se muitos deles foram à procura dos quilombos em busca de um lugar onde pudessem se fixar com suas famílias e terem pelo menos um pouco de dignidade.

Certo que não dava mais para continuar vivendo em uma sociedade escravocrata, mas os efeitos causados pela abolição também foram desastrosos, pois os negros continuaram a serem escravos do sistema social em que estavam inseridos. Já que em 1850, foi decretada a Lei de Terras, que no seu Art. 1º *estabelece que fica proibida a aquisição de terras devolutas por outro meio que não seja o de compra* (REVISTA-USP, 1995 – 1996). Visto que os escravos passaram a maior parte da vida trabalhando de graça para seus senhores, estes indivíduos não possuíam dinheiro para fazer a aquisição de terras, continuando assim largados ao relento, tendo os quilombos como único meio de conseguir moradia.

Além dos quilombos constituídos no período da escravidão, muitos foram formados após a abolição formal da escravatura, pois continuaram a ser, para muitos, a única possibilidade de viver em liberdade. Constituir um quilombo tornou-se um imperativo de sobrevivência, posto que a Lei Áurea deixou os negros e negras abandonados à própria sorte (PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA, 2007, p.12).

Todos brasileiros sabem da importância da Abolição Escravocrata no Brasil, que deu um basta nas injustiças cometidas pelos senhores de escravos com os negros. Mas a própria Lei Áurea que determinava o fim da escravatura no país acabou por se tornar vilã dentro desse processo de inserção do povo negro no meio social, pois de que adiantou libertar os negros da chibata se não foram fomentadas políticas públicas voltada para inclusão dessas pessoas na sociedade?

Os ex-escravos passaram a enfrentar uma verdadeira batalha todos os dias para poderem fazer valer a lei e passarem a ter direito a cidadania, saúde moradia e educação, sem contar as diversas formas de racismo e discriminação pelas quais foram subjugados. Entende-se que o fim da escravidão deveria ter representado melhorias mais estruturais para o povo negro, dando a eles condições de sobreviverem com dignidade no meio social em que estavam inseridos.

1.3 A Legalização dos Quilombos no Brasil: uma política de direitos humanos em conformidade a Constituição Federal de 1988

A Constituição Federal de 1988 foi um marco na história do Brasil quando o assunto em questão é a política de legalização dos Quilombos no País. Após cem anos da instituição da lei áurea que determinava o fim da escravidão no Brasil, o estado brasileiro até então não tinha elaborado políticas de direitos humanos e a terras para as comunidades remanescentes de Quilombos que não seja o de compra. O Art. 68 das disposições constitucionais transitórias da Constituição Federal de 1988, afirma que: *aos remanescentes das comunidades dos Quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.*

Assim foi estabelecido o dever do Estado Nacional de reconhecer a propriedade das terras ocupadas por grupos que se intitulem remanescentes quilombolas, dando aos mesmos a titulação e o reconhecimento da propriedade definitiva. A partir dessa nova perspectiva, as terras de Quilombos a discussão passa a ganhar força em meio à política nacional com a implementação de leis que passam dar direito a terra, e o reconhecimento das diversas formas de cultura dos afrodescendentes no País.

Consequentemente a isto vão surgindo outros atores dispostos a atuarem ou se enquadrarem na luta pela terra que é um dos grandes desafios dos mocambos desde o fim do período escravocrata, visto que o contexto atual é de democratização e legalização dos quilombos no Brasil, por meio de políticas de reconhecimento da pluralidade da nação e das terras descritas por alguns autores de terras de pretos.

(...) O debate ganha o cenário político nacional. Por trás de algumas evidências, pistas e provas, surgem novos sujeitos, territórios, ações e políticas de reconhecimento. Delineiam-se desde então novas questões de identidade que perpassam as lutas por cidadania e sua versão trágica e festiva, a folclorização (LEITE, 2000, p. 06).

A Constituição Federal de 1988, além de assegurar o direito à terra as comunidades quilombolas, também possui importante papel social de igualdade étnica e racial quanto ao povo brasileiro, quando reconhece a população do país como multicultural aceitando as diferenças de lugar, religião, cor e etnias. O Art. 216 (CF) define que: *constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.*

O referido artigo tem grande importância por reconhecer como patrimônio material e imaterial a diversidade cultural dos grupos responsáveis pela formação da base social do País.

Leite (2000) afirma que: *o Estado brasileiro, ao reconhecer uma formação social diversa e desigual, teria então que colocar-se como árbitro e defensor deste direito, reconhecendo com isto a existência de grupos culturalmente diferenciados.*

Em relação às comunidades quilombolas, isto especificado no §5º do Art. 216 (CF), quando ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscência históricas dos antigos quilombos. O reconhecimento dos quilombos se dá através de políticas de direitos humanos, como uma maneira do estado reparar as injustiças sociais cometidas ao longo da história do Brasil com os negros que outrora foram escravizados, passando a viver em um regime escravista que perdurou por mais de 300 anos deixando uma grande mancha na história do País. Já que mesmo depois de libertos em 1888 passaram a viver em uma sociedade sem qualquer perspectiva de ascensão social, vivendo do trabalho pesado e da agricultura de subsistência nos quilombos.

É neste quadro político que o quilombo passa, então, a significar, um tipo particular de referência, cujo alvo recai sobre a valorização das inúmeras formas de recuperação da identidade positiva, a busca por tornar-se um cidadão de direitos, não apenas de deveres (LEITE, 2000, p. 19).

Neste âmbito, verificou-se que o significado do termo *comunidades quilombolas e quilombos* passaram a ganhar um sentido humanizado. A busca agora é pela restauração da identidade dos grupos perdida em séculos de escravidão nas senzalas espalhadas por todo o Brasil, esta busca pela igualdade social e racial caracteriza-se através de ações governamentais de direitos humanos, baseadas na Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT, 1988), voltadas para os grupos afro-brasileiros.

Mesmo num país que persistiu por séculos com a prática da escravidão e em consequência dissoformou-se uma sociedade altamente racista, as leis citadas anteriormente tem o objetivo de formular políticas públicas voltadas à estruturação e o reconhecimento das diversas formas da cultura afro-brasileira, concebida a partir de todo contexto histórico da formação da sociedade contemporânea.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: localização geográfica, fatores físicos e aspectos históricos

O quilombo rural do Talhado localiza-se na Serra do Talhado, ramificação da Serra de Santa Luzia-PB, no Planalto da Borborema. A uma distância de 26 km do perímetro urbano de Santa Luzia, e 289 km de João Pessoa – a capital do Estado da Paraíba. Sua posição geográfica está determinada pelos paralelos $7^{\circ}23'57''$ de latitude sul, e $36^{\circ}53'46''$ de longitude oeste (NOBREGA, 2007). A Serra do Talhado fica localizada em um ambiente de difícil acesso, e as estradas que levam a este lugar são bastante íngremes. É neste ambiente onde se encontra o quilombo da Serra do Talhado.

Com uma extensão territorial de aproximadamente 496,3 hectares, o referido quilombola é composto na descrição e nomenclaturas dos próprios moradores, por treze sítios: Olho D'Água Talhado, Riacho Grande, Macambira, Queimada, Balanço, Oiticiquinha, Serrinha, Pedra Redonda, Poço da Cruz, Saco de Pedra, Arapuá e Olho da Guinha. Esta área foi reconhecida como território quilombola a partir do dia 12 de julho de 2004 por meio do Governo Federal (ARAÚJO & BATISTA, 2012) – (Figura 1).

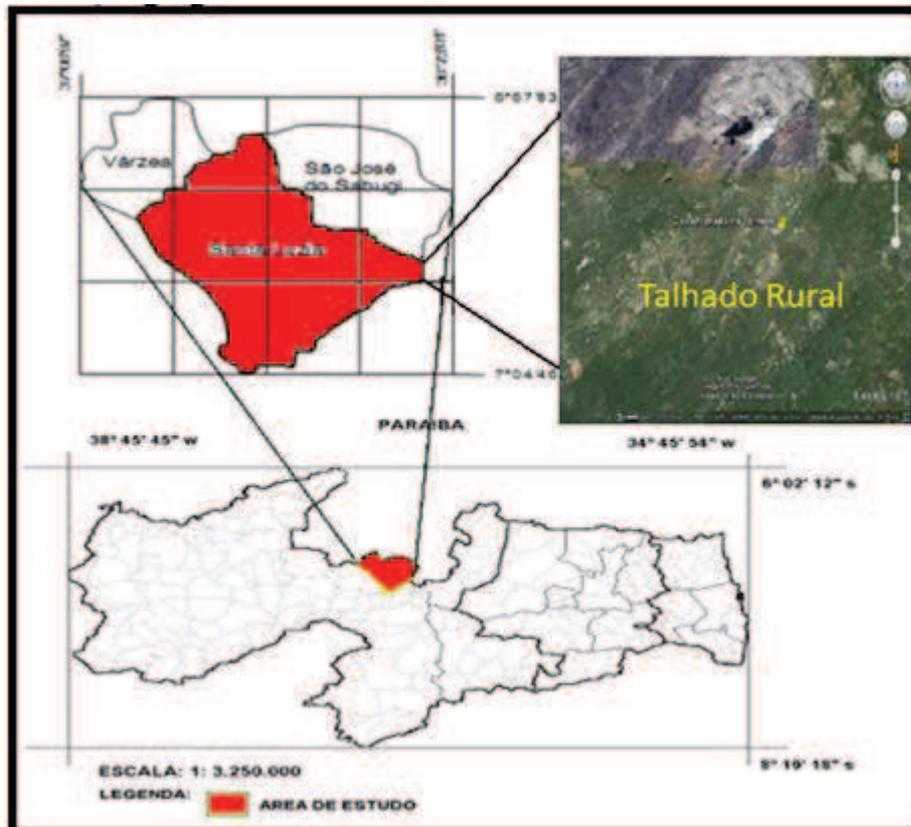


Figura 1: Localização geográfica da comunidade rural da Serra do Talhado – Santa Luzia/PB. Fonte: Adaptado – Damasceno (2008) e do Goole Earth, 2013.

O quilombo urbano dos remanescentes da Serra do Talhado está localizado na *urbs* de Santa Luzia, na porção sudoeste do Bairro São José, entre as ruas: Bela Vista, Arlindo Bento de Moraes e Antônio Gomes. Na qual sua posição geográfica está determinada pelos paralelos $6^{\circ}52'34''$ latitude sul e $36^{\circ}54'41''$ de longitude oeste, possuindo uma dimensão territorial de 17 hectares de terra (NOBREGA, 2007). Esse território foi instituído pela Fundação Palmares e o INCRA desde o ano de 2005, um ano após a criação do território rural (Figura 2).

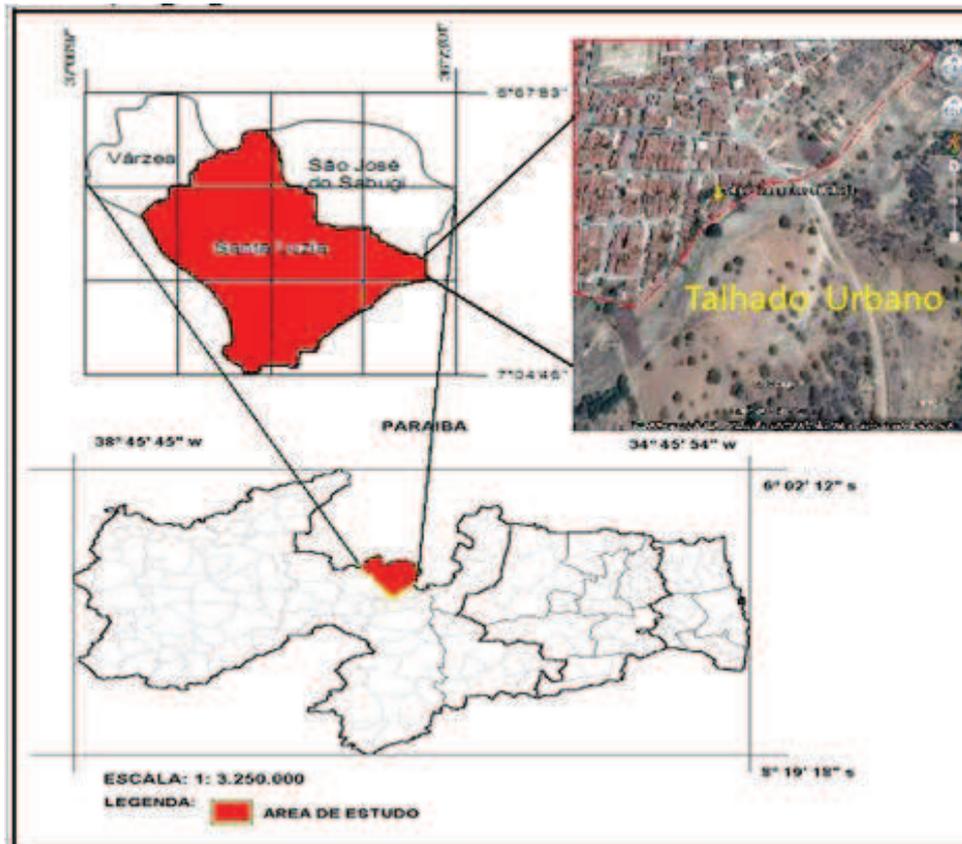


Figura 1: Localização geográfica da comunidade rural da Serra do Talhado – Santa Luzia/PB. Fonte: Adaptado – Damasceno (2008) e do Goole Earth, 2013.

Em ambos os territórios (rural e urbano) o clima predominante na região é o tropical quente e seco, com chuvas de verão. Segundo a divisão do Estado da Paraíba em regiões bioclimáticas, esta região enquadra-se no clima 2b-Sub-desértico de tendência tropical com 9 a 11 meses secos. Os registros de temperatura exprimem valores que oscilam entre 25°C e 30°C . A pluviometria média anual é de 547,8mm, distribuição irregular, com 79% de seu total concentrando-se em 4 meses (JFMA) (BELTRÃO, *et al* 2005).

A vegetação é do tipo caatinga-seridó, com exceção de áreas localizadas ao sul de Santa Luzia com clima de matas-serras. Esta área possui cotas mais elevadas com relevo ondulado e tratam-se das serras Riacho do Fogo, Borborema e do Pinga. A topografia apresenta-se com relevo ondulado à fortemente ondulado nas porções sudoeste, onde ocorrem as serras do Pilãozinho e do Riacho do Fogo, e ao sul, onde ocorrem as serras do Pinga e da

Borborema com cotas elevadas chegando a 880 metros. Na porção norte o relevo apresenta-se ondulado à suavemente ondulado com declividades não elevadas (BELTRÃO, et al 2005).

Com relação aos aspectos históricos, segundo o Mobral (1984) - livro do Município de Santa Luzia (1984), por volta de 1860 em meados do século XIX surgia o Quilombo da Serra do Talhado, localizando-se no município de Santa Luzia-PB. Foi lá que chegou os primeiros negros da região do Sabugi, José Bento Carneiro (Zé Bento) e Cecília Maria da Purificação (Mãe Cizia). Fugitivos de uma fazenda no Piauí. Antes de subirem a Serra e chegar onde hoje é conhecido como quilombo do Talhado, tiveram uma breve passagem pelo Quilombo da Pitombeira, localizado no município de Várzea-PB. O quilombo do Negro Zé Bento diferente de outros da época, pois não tinha pretensões guerreiras, transformou-se num lugar pacífico, isolado das instituições do país, perdido em meio as serras do interior da Paraíba.

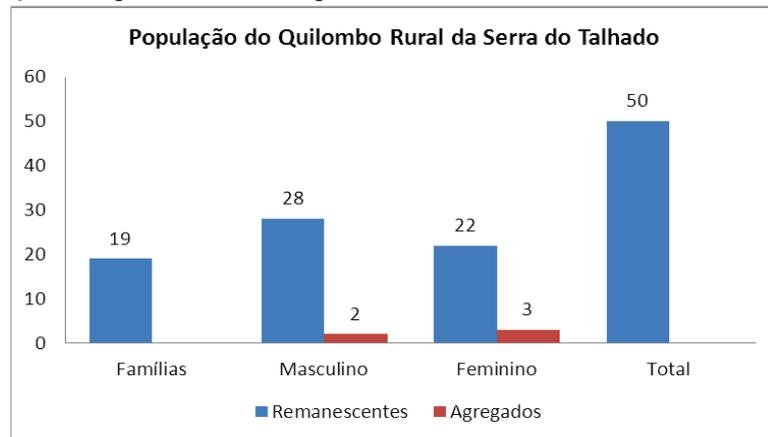
Deu-se o nome de Talhado a Serra, por ser ele marceneiro e por encontrar nela farto material de trabalho. Além da madeira ele encontrou ali o barro vermelho, matéria prima para a fabricação de cerâmica que se constituiria em um dos meios de subsistência do seu povo. Tinham a agricultura junto com a produção de cerâmica primitiva como principal fonte de renda do Talhado. Plantava-se milho, feijão e algodão, o excedente dessa produção era vendido. As mulheres dedicavam-se exclusivamente a produção da cerâmica, os três primeiros dias da semana era dedicado à modelagem das peças. No quarto, a cerâmica é queimada e no quinto vendem as louças aos atravessadores ou vão rumo às feiras de Santa Luzia e São Mamede.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Dinâmica Populacional da Comunidade Rural e Urbana da Serra do Talhado

O Gráfico 1 apresenta a dinâmica populacional da comunidade rural do Talhado, analisando as informações contidas no esquema abaixo nota-se que a população residente no quilombo apresenta-se nivelada quanto ao número de homens e mulheres, apenas com uma pequena maioria de indivíduos do sexo masculino, quando comparado a os de sexo feminino.

Gráfico 1: População do quilombo rural quanto ao número de famílias e sexo



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Observando o gráfico acima, se identificou o esvaziamento do referido grupo, devido à migração das famílias para a comunidade dos remanescentes quilombolas da Serra do Talhado localizada na zona urbana de Santa Luzia, que também teve seu reconhecimento, titulação e certidão de auto-reconhecimento de suas terras feitas pela Fundação Palmares e o INCRA no ano de 2005, enquanto remanescente de quilombos. Dentro dessa perspectiva, vem à preocupação com o destino desse grupo, pois se continuar dessa forma, a tendência é o Talhado rural se transformar num lugar marcado pelas imagens das cassas fechadas e abandonadas.

Muitos foram os motivos que levaram a população do quilombo rural saírem do seu lugar de origem e se deslocar para a zona urbana, tais como: a seca, falta de água. A geração mais nova veio em busca de melhores condições de vida, ausência de emprego, trabalho, saúde, educação e políticas públicas que assegurassem a permanência desses indivíduos no quilombo rural (Figuras 3 e 4).

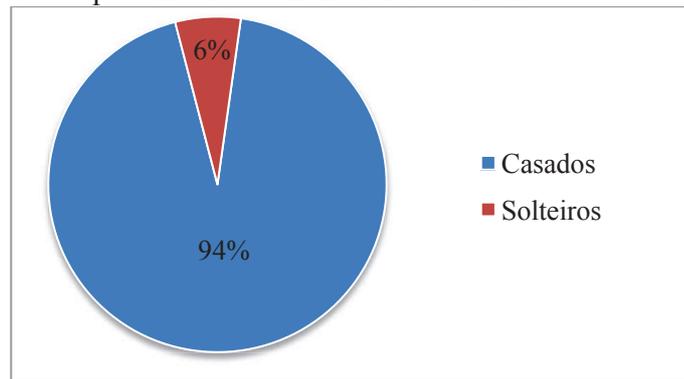


Figuras 3 e 4: Visão parcial das casas de taipas abandonadas no Quilombola Rural da Serra do Talhado. Fonte: Próprio Autor, 2014.

Quando o assunto em pauta, atualmente na comunidade rural do Talhado não há imagens que represente melhor este grupo do que as casas fechadas ou caindo em consequência aos efeitos do tempo e do abandono, principalmente pelos filhos e netos remanescentes de escravos. Devido a esta migração que está ocorrendo muitas são as perdas para com este povo, principalmente, a cultural, vindo ocorrer nos últimos anos um expressivo etnocídio no território rural da Serra do Talhado. Essas terras onde se formaram os antigos quilombos da região do Vale do Sabugi caracterizam-se por serem espaços marcados pela prática da cultura dos povos negros, único grupo étnico do mundo que se caracterizam como negros de olhos azuis. Foram nesses lugares onde ocorreu a reprodução física e sociocultural das populações quilombolas.

Na pesquisa realizada verificou-se que, a idade das pessoas que ainda residem na Serra do Talhado é em média de 49 anos. Esta informação mostra o envelhecimento das pessoas que fazem parte da comunidade, caracterizando-os como uma população adulta e de poucos jovens. Como foi informado pelos quilombolas que continuam morando na zona rural estas famílias que insistem em continuar habitando a Serra definisse por serem pessoas que nasceram no lugar e persistem em permanecer lá, mesmo enfrentando as diversas dificuldades encontradas no local, tanto físicas como socioeconômica. Outro aspecto a ser analisado é a quantidade de pessoas casadas no grupo como pode ser analisado através do Gráfico 2.

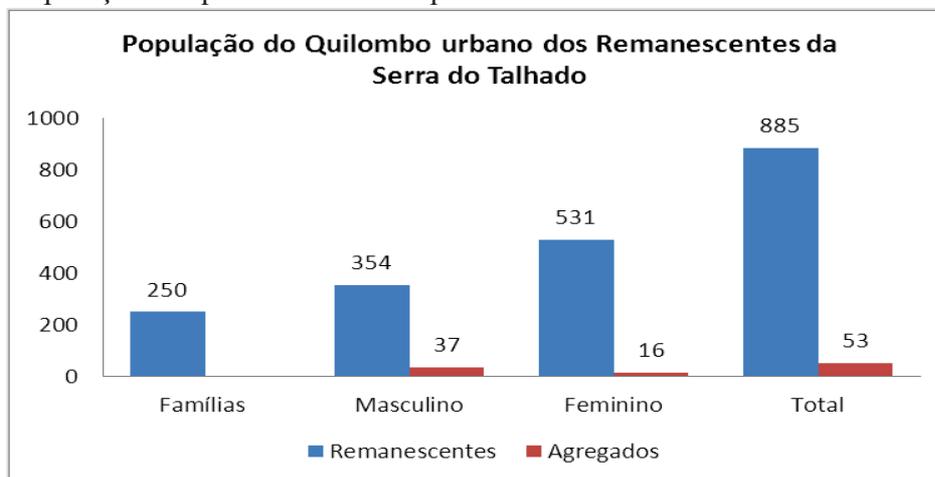
Gráfico 2: Perfil civil dos quilombolas da zona rural do Talhado



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Observou-se que a maioria das pessoas da comunidade rural são casadas e apresentam média de seis filhos por família. Outro fato que mereceu destaque foi que 100% dos entrevistados casaram-se com outros membros do grupo. Nessa perspectiva, percebeu-se que em relação à população rural não houve miscigenação, já que as naturalidades de todos os cônjuges advêm do Talhado. Analisando o Gráfico 3, percebeu-se que a comunidade urbana do Talhado é onde está concentrada a maior parte da população, se diferenciando da rural, na qual a maioria dos indivíduos que compõem o grupo é de mulheres, sendo quase o dobro em relação ao número de homens.

Gráfico 3: População do quilombo urbano quanto ao número de famílias e sexo

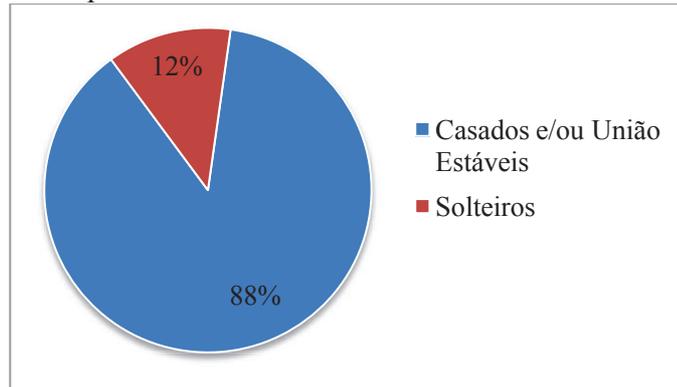


Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Uma variável que merece destaque é que praticamente todas as famílias que desceram a Serra do Talhado e se estabeleceram na cidade de Santa Luzia, formaram um quilombo urbano dos remanescentes quilombola do Talhado rural. Na contramão da comunidade rural, na urbana já se encontra traços de miscigenação do grupo, quando constatou-se, por meio da pesquisa de campo a presença mesmo que pequena, em relação à população total algumas pessoas que se agregaram a população dos descendentes dos quilombolas por meio de

casamentos ou de outros tipos de comunhão (amasiados, juntos entre outros). A média de idade da população do quilombo urbano é de 42 anos, indicando traços de uma população mais nova quando comparado com a idade da rural. Em relação a quantidade de indivíduos casados no grupo. O Gráfico 4, expõem dados bem expressivos quando essa junção carnal no âmbito grupal.

Gráfico 4: Perfil civil dos quilombolas da zona urbana do Talhado



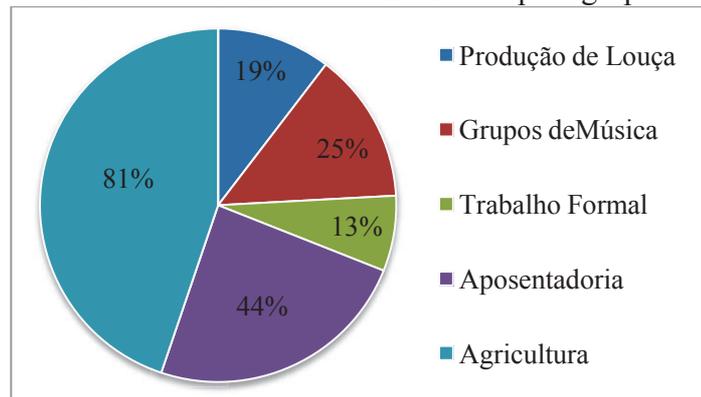
Fonte: Pesquisa direta, 2013.

De acordo com o gráfico acima, grande parcela das pessoas que fazem parte da população são casadas e apresentam média de três filhos por família. E como já exposto anteriormente com presença entre os cônjuges de indivíduos não quilombolas. Este fato pode ser explicado pelo quilombo dos remanescentes da Serra do Talhado está localizado na área urbana do município de Santa Luzia, e conseqüentemente a isto, o contato com atores de fora do grupo é em maior proporção quando comparado com o quilombo rural.

3.2 Atividades Econômicas Desenvolvidas pela Comunidade do Talhado Rural e Urbano

Como retratado pelos cineastas Noronha & Vieira (1960), no filme Aruanda, o Quilombo da Serra do Talhado é um local pacífico isolado das instituições do país, perdido nas lombadas dos chapadões nordestino. Com uma população vivendo num ciclo econômico trágico e sem perspectivas, variando do plantio de algodão à fabricação de cerâmica primitiva. Atualmente, com relação aos fatores econômicos poucas foram às mudanças registradas na subsistência da economia da população do quilombo rural da serra do talhado. O Gráfico 5, demonstra as principais atividades econômicas desenvolvidas pela população do Talhado rural.

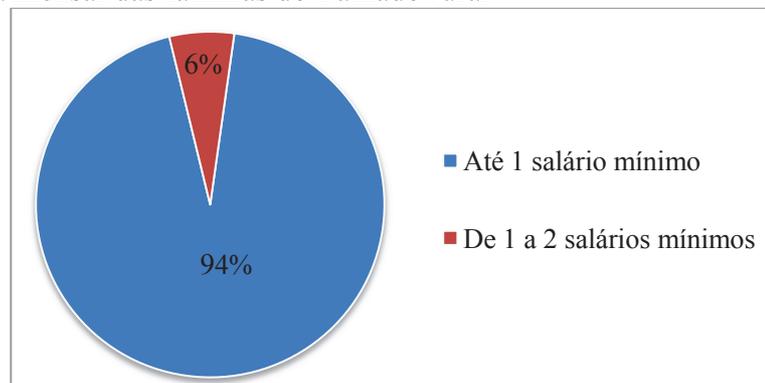
Gráfico 5: Principais atividades econômicas desenvolvidas pelo grupo do Talhado rural



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Aponta-se como principal fonte de renda a agricultura de subsistência (81%) e a aposentadoria (44%) dos mais velhos. O trabalho de uma pequena parcela de pessoas no mercado de trabalho formal com carteira assinada (13%), produção de louça (19%) e grupos de musicais (25%). Nota-se que no passar dos tempos à produção de louça realizada no alto da Serra do Talhado deixou de ser a principal atividade econômica desenvolvida pela população, e passou a ser junto com os grupos de música apenas mais uma atividade complementar na renda das famílias. Quanto à renda média mensal das famílias, pode ser observado através do Gráfico 6 os seguintes dados.

Gráfico 6: Renda mensal das famílias do Talhado rural



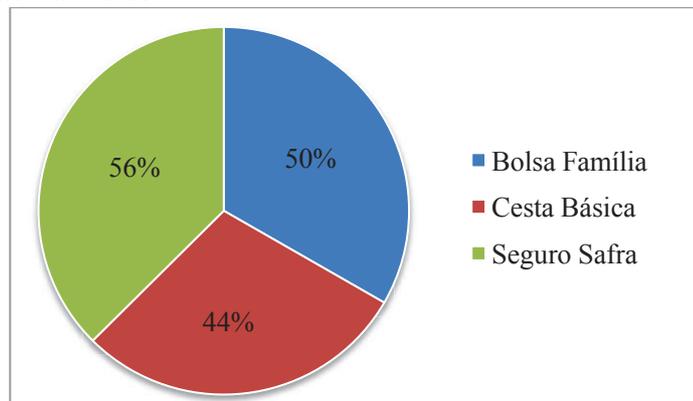
Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Analisando as informações do gráfico acima se percebeu que a maioria das famílias do Quilombo rural vivem num contexto econômico de até um salário mínimo, e outra pequena fração da população em condições um pouco melhores – até dois salários. Um dado importante é que são em média três pessoas são dependentes da renda para cada família de uma única pessoa. Isso mostra que como a maior parte do grupo vive de uma renda que pode ser menos de um salário ou no máximo até um salário mínimo, as condições econômicas que

o grupo está inserido não se caracteriza das mais adequadas para possam viver com mais dignidade.

Verificou-se também que a renda dessa maioria é baseada em auxílios recebidos do Governo Federal ou de instituições como é o caso da Fundação Palmares, que mensalmente doa um total de 100 cestas básicas para serem distribuídas entre as famílias mais carentes de ambos os quilombos rural e urbano. O Gráfico 7, demonstra alguns benefícios que a população recebe.

Gráfico 7: Benefícios que a população rural do Talhado recebem do Governo Federal e da Fundação Palmares

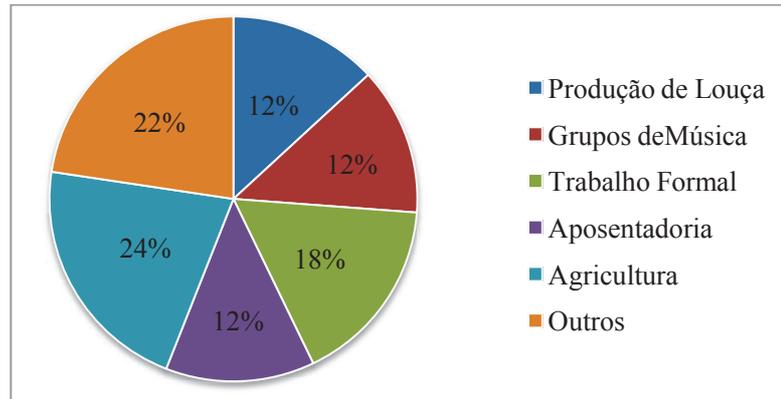


Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Já no quilombo urbano a única fonte de renda segura também é a aposentadoria dos mais velhos, e para um grupo de mulheres e homens é a fabricação artesanal de louças. As mulheres são responsáveis diretamente pela fabricação da cerâmica, alguns homens da comunidade se encaixam de uma forma indireta na extração da madeira e do barro que serve de matéria-prima para produção da louça ceramista. Outro fator econômico que merece destaque é a música, pois grandes números de homens da comunidade do Talhado urbano são exímios sanfoneiros, artistas conhecidos em toda região.

Na cidade de Santa Luzia têm aproximadamente oito trios de forró originário dos remanescentes do Talhado, são eles: Trio Aruanda de Luiz Bento, Titico do Acordeom, Santino Braz, Trio de Seu Damião, Trio de Jeová e Deda cantor da Banda os Três do Nordeste, que é também remanescente da comunidade quilombola da Serra do Talhado. Uma pequena parcela da população está inserida no mercado de trabalho formal com carteira assinada; trabalhando em empregos públicos e empresas privadas. Mas, a grande maioria faz parte do mercado de trabalho informal, como: mototaxista, taxista, pedreiros, serventes de pedreiros, empregadas domésticas, entre outras profissões. O Gráfico 8, demonstra em percentuais as principais atividades econômicas desenvolvidas pelo grupo urbano.

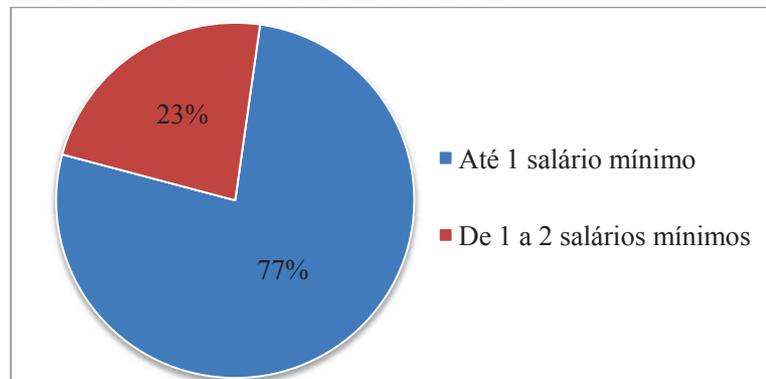
Gráfico 8: Principais atividades econômicas desenvolvidas pelo grupo do Talhado urbano



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

A partir das informações coletadas e analisadas observou-se que as características da economia do Talhado urbano se apresentam bem diversificadas quando comparado ao do Talhado rural, o item outros passam a ganhar maior ênfase, confirmando que a base econômica da comunidade citada está completamente relacionada com o mercado de trabalho informal, acompanhado da agricultura e trabalho formal com carteira assinada, deixando para trás os aspectos como produção de louça, grupos de música e aposentadorias. Quanto à renda média mensal das famílias o Gráfico 9 apresenta as seguintes informações.

Gráfico 9: Renda mensal das famílias do Talhado urbano



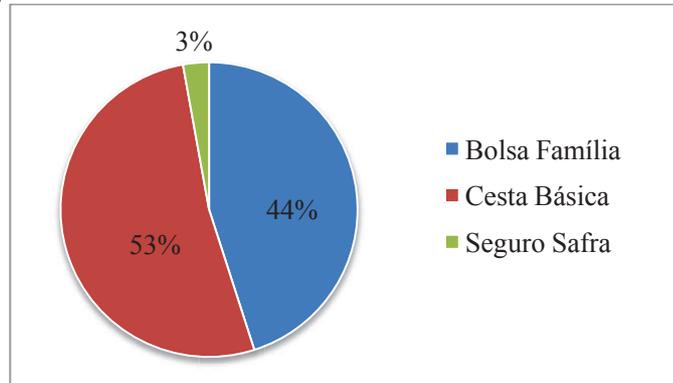
Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Quando comparado os gráficos da renda média mensal entre os quilombos rural e urbano, percebeu-se que a maior parte das pessoas que moram na zona urbana também vive em média com no máximo um salário mínimo, mas, verificou-se que o total de famílias vivendo com mais de um salário mínimo, é de quatro vezes maior que a do rural. Constatou-se também que a média de dependentes da renda por família também foi de três indivíduos igualando-se a da zona rural.

Aponta-se também alguns programas assistencialistas do Estado Federal com esta comunidade, como é o caso das cotas específicas de bolsa família para quilombolas,

distribuição de sexta básica e cuscuz com leite. Através do Gráfico 10, mostram-se alguns benefícios que as famílias recebem do Governo Federal, Estadual e Municipal e de instituições não governamentais, principalmente a Fundação Cultural Palmares.

Gráfico 10: Benefícios que a população urbana do Talhado recebem do Governo Federal e da Fundação Palmares



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Dentre os programas que mais se destacou foram às cestas básicas doadas pela Fundação Cultural Palmares seguidas pela bolsa família e o seguro safra. Segundo os moradores do quilombo urbano para ter direito as cestas básicas à família não pode ter uma renda mensal maior que um salário mínimo. Estes são critérios estabelecidos pela Associação de Quilombolas do Brasil. Assim, as cestas básicas são voltadas para as famílias mais carentes da comunidade.

3.3 Aspectos Educacionais da Comunidade Rural da Serra Talhado

Até os anos de 1960 no século passado não existia escola na comunidade quilombola da Serra do Talhado. Só alguns anos mais tarde foram concebidos a comunidade uma unidade de ensino conhecida por todos como Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Este era um Projeto do Governo Federal que buscava apenas à alfabetização funcional de jovens e adultos onde o objetivo era de fazer com que esses atores sociais adquirissem práticas apenas de escrita e leitura. Mais adiante foi instituída a Escola Municipal Aruanda, onde muitas crianças e jovens da comunidade foram alfabetizadas e cursaram até o 5º ano do ensino fundamental (Figura 5).

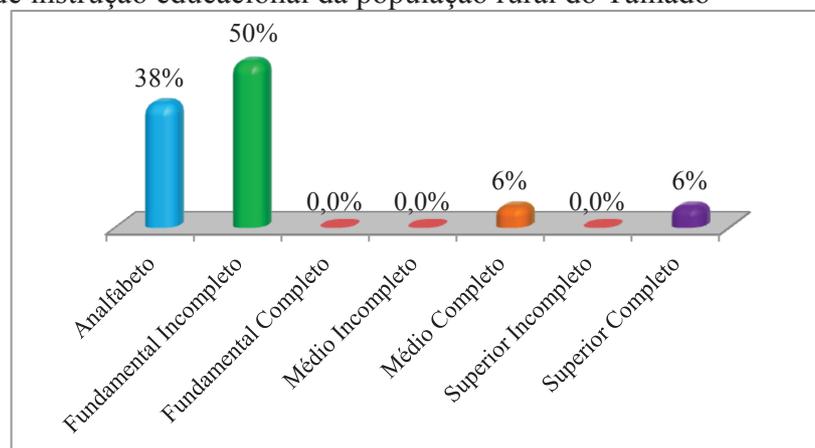


Figura 5: Escola Municipal Aruanda do quilombo da Serra do Talhado Rural abandonada. Fonte: Próprio autor, 2014.

Com o reconhecimento da comunidade quilombola rural da Serra do Talhado ocorreram algumas mudanças nos aspectos educacionais, como: melhoria da merenda escolar, com a implantação do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), e a chegada de alguns recursos didáticos; (biblioteca, TV e DVD). Posteriormente, foi implantado o transporte dos estudantes para cidade já que no grupo escolar só têm até 5º ano do ensino fundamental. Um fator importante é que a professora é da própria comunidade, graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). Esta faculdade localizada na cidade de Patos, distando em média 55 quilômetros do Talhado rural.

As aulas se dão pelo processo multisseriado (este é um sistema onde alunos de idade e de séries diferenciadas dividem o mesmo ambiente de aprendizagem). Com o passar dos anos houve o esvaziamento da comunidade quilombola rural do Talhado, conseqüentemente no ano de 2013, pois a Escola Municipal Aruanda veio a fechar devido à baixa quantidade de alunos. Aproximadamente sete jovens passaram a se deslocar diariamente para a cidade de Santa Luzia em busca de educação. Através do Gráfico 11, é possível analisar o grau de instrução educacional da população rural.

Gráfico 11: Grau de instrução educacional da população rural do Talhado



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Mesmo a comunidade apresentando altos índices de analfabetismo e de ensino fundamental incompleto, junto estes dois aspectos representando cerca de mais de 80% da população, apresenta-se também uma mínima parcela de pessoas que tiveram acesso ao ensino médio e superior. Diante dos dados analisados, compreende-se que o ensino médio acompanhado do superior caracteriza-se como os princípios desafios da comunidade do Talhado rural.

3.4 Aspectos Educacionais da Comunidade Urbana do Talhado

A comunidade dos remanescentes quilombolas urbano do Talhado disponibiliza de uma instituição de ensino destinada ao povo quilombola, que é a Escola Arlindo Bento de Moraes, que teve seu reconhecimento datado desde o ano de 2009, pelo motivo de está localizado dentro da área do quilombo urbano (Figura 6).

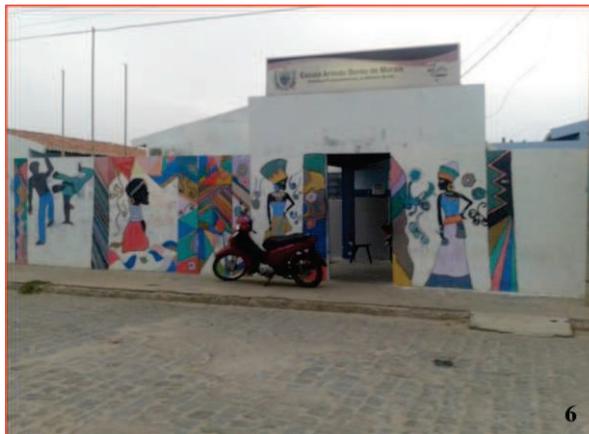
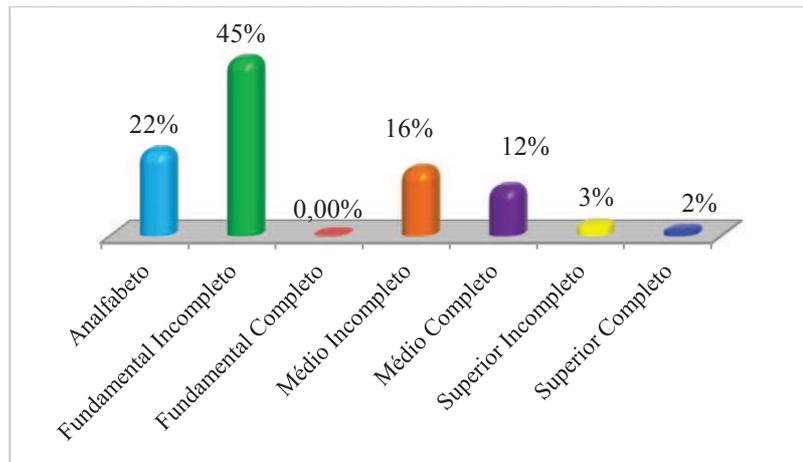


Figura 6: Escola Municipal Arlindo Bento de Moraes do quilombo do Talhado urbano em pleno funcionamento abandonada. Fonte: Próprio autor, 2014.

Muitos jovens da comunidade do Talhado cursam o ensino fundamental e médio na referida instituição de ensino, que tem como objetivo trabalhar o desenvolvimento e o apoderamento do povo negro dentro de uma perspectiva de Educação Quilombola, reconhecida como Escola da Pedagogia da Alternância. A instituição de ensino disponibiliza de TV, DVD, retroprojetor, biblioteca e data show, e por se tratar de uma instituição quilombola a escola passou a ter direito a *per capita* de merenda escolar dobrada. Assim, oferecendo a seu alunado um cardápio bem diversificado e de boa qualidade. Conforme o Gráfico 12, o mesmo apresenta o grau de escolaridade da comunidade urbana do Talhado.

Gráfico 12: Nível de escolaridade da comunidade urbana do Talhado



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Mesmo se tratando do quilombo urbano, e conseqüentemente a isto, a população tendo mais acesso as instituições de ensino, a educação continua sendo um dos grandes desafios do Talhado, a comunidade ainda apresenta altos índices de analfabetismo e de indivíduos com o ensino fundamental incompleto, juntos estes dois níveis abrangem mais de 67% do grupo. Quanto ao ensino médio e a graduação percebe-se que são os grandes desafios das pessoas que compõem o quilombo urbano, pois uma pequena parcela conseguiu concluir a educação básica e chegar até as universidades, representando apenas 5%. Isso demonstra o alto grau de pessoas que não tiveram a oportunidade ou acesso ao ensino superior, restando apenas a esses atores como meio de sobrevivência trabalhos não formais e com melhor capacidade de vivência socioeconômica.

3.5 Aspectos Socioculturais dos Remanescentes das Comunidades Rural e Urbana do Talhado

Sobre a questão da dinâmica sociocultural presente nas comunidades rural e urbana da Quilombola da Serra do Talhado, identifica-se a produção de louça e os grupos de forró pé de serra como fatores de subsistência social e cultural. Visto que, essas são as atividades realizadas pelos Quilombolas que mais caracteriza a comunidade e dar suporte econômico ao povo do Talhado. Como mostrado por Noronha (1960) no documentário Aruanda, a fabricação de louça é uma tradição que se originou com a chegada dos negros José Bento Carneiro (Zé Bento) e Cecília Maria da Purificação (Mãe Cizia) e foi conservada ao longo do tempo pela referida comunidade.

Esta prática já foi um importante fator econômico da população da Serra do Talhado, na qual foram desenvolvidas praticamente todas as famílias que trabalhavam na confecção artesanal das peças em argila e dependiam diretamente da comercialização da cerâmica.

Hoje esta atividade é desenvolvida apenas por duas famílias no Talhado Rural, pois a maioria das louceiras migraram para a cidade de Santa Luzia, e estão localizadas na comunidade urbana do Talhado. Quando se deslocaram em direção à cidade as artesãs foram lideradas pela senhora Rita Preta, que desempenha um importante papel como líder comunitária dentro do grupo urbano, é considerada como mestra na fabricação das peças em barro.

Atualmente, apenas um grupo de 11 mulheres deram continuidade à confecção artesanal da louça que é realizada no galpão localizado dentro do próprio quilombo urbano. Essa pequena quantidade de pessoas que ainda desempenham a atividade é explicado pelo motivo das artesãs terem envelhecido e não poderem dar continuidade a prática devido à idade, pois todo o processo de fabricação da louça requer enorme esforço físico.

Diante das informações obtidas, percebe-se que a produção da cerâmica que desde a formação da comunidade foi à atividade fundamental na estrutura organizacional do grupo, que com o passar dos anos caracterizou-se como um complemento econômico do povo do Talhado. Visto que, uma pequena parcela das pessoas da comunidade continuou realizando a atividade. Mas, em relação às famílias que ainda fazem a confecção da cerâmica esta continua sendo um dos principais meios de sobrevivência. Como pode ser observado por meio das Figuras 7, 8 e 9, nas quais ocorre todo um processo para a confecção das louças, desde bater o barro com um pedaço de madeira, passando pela produção e forma das peças até a queima das mesmas.



Figuras 7, 8 e 9: Produção ceramista desenvolvida na comunidade urbana do Talhado. Fonte: Próprio autor, 2014.

Como se pode ver por meio das figuras acima, todo o processo de fabricação da louça ceramista é realizado predominantemente pelas mulheres da comunidade do Talhado, tanto no meio rural, como no urbano. Essa atividade se dá através de todo um método artesanal ceramista, ou seja, tendo como matéria prima argila (também conhecido como barro) sendo

utilizando em toda a produção apenas instrumentos rudimentares, fabricados pela própria comunidade.

Em alguns casos desse processo ceramista são confeccionados por elas mesmas nas próprias residências, mas o barro que é retirado das encostas da serra ou de açudes, barreios ou córregos de água e levados até o seu local de produção (casas), além disso ocorre o manuseio de pedras (rochas) utilizadas no polimento das peças antes da fornalha. Com o passar dos anos a produção de cerâmica realizada tanto no quilombo do Talhado rural quanto no urbano tornou-se um dos aspectos culturais que mais identificam e/ou caracterizam essa gente.

Para Souza & Batista (2010), *esta prática é uma importante atividade cultural para a comunidade, não se limitando apenas ao aspecto econômico, embora não se possa desprezar. Trata-se aqui de uma forma pela qual o grupo se reconhece e é reconhecido.* Partindo desse pressuposto, entende-se que essa atividade configura-se por ser um dos aspectos culturais que mais se destaca no grupo, configurando-se como sendo a identidade dos quilombolas do Talhado. Conforme Nóbrega (2007: p.57):

A produção de cerâmica, é um dos símbolos da cultura material no talhado, tem reflexo social e econômico. A pesar da grande maioria das loçeirias já terem transferido para a cidade, ainda encontramos pessoas na comunidade que desenvolve a atividade com a mesma originalidade e fins, de outros tempos.

De acordo com os autores acima citados, entende-se a importância da produção de louça ceramista, produzida a partir da extração do barro e fabricadas pelas mulheres das comunidades rurais e urbanas do Talhado não tem apenas um caráter econômico, mas principalmente cultural. Outro fator importante da cultura desse povo é a musicalidade. Encontra-se na comunidade exímios sanfoneiros conhecidos em toda a região do Vale do Sabugy, que tem em comum não só a herança genética de serem filhos (origem) do Talhado, mas também a pronúncia de bons artistas musicais. Mas, a facilidade pela qual aprenderam a tocar sanfona, zabumba e triângulo. Na atualidade existe cerca de 8 (oito) trios de forró pé de serra na cidade de Santa Luzia-PB, todos remanescentes do Talhado. Nóbrega (2007: p. 59) ainda ressalva:

De fato, a música é marca cultural do grupo desde quando ‘Zé Viado’ (primeiro sanfoneiro do Talhado) chegou à comunidade trazendo um fole (Na região esse instrumento também é conhecido como ‘Fole de oito baixo’). Convém observar pelos depoimentos que, ao contrario da cerâmica há na história na musica no talhado uma tradição de sanfoneiros passada de pai para filhos (Atividade Predominantemente Masculina)”.

Geralmente, os grupos de forró pé-de-serra originários da comunidade Talhado são os que participam do São João de Santa Luzia, com sua musicalidade rústica e tradicional dos velhos tempos de forró denominados de pé de serra. Todos esses são conhecidos no Vale do Sabugi, além da plausível importância que apresentam para a cultura regional, dentre os que mais se destacam são os trios de Titico do Acordeom, Luís Bento (Nuna), Seu Damião, Santino Braz, Valci e Jeová. Esta é outra atividade que se originou na Serra do Talhado e foi passada de pai para filho, como é o caso de Cícero Bento e seus dois filhos - Titico e Nuna.

Com o passar dos anos vem ocorrendo de forma veemente o processo de migração para a cidade, no qual em virtude da saída do grupo quilombola rural quase todos os sanfoneiros acabaram deixando seus lugares de origens e estabeleceram-se no quilombo urbano, onde seguem dando continuidade a tradição cultural e popular. Souza & Batista (2010) (...) dizem: *o forró pé de serra era a forma mais comum de entretenimento da comunidade. Segundo relatos de alguns de seus moradores, era comum que alguns homens aprendessem a tocar observando aqueles que já sabiam; um dos músicos da comunidade conta que as músicas, na época em que era mais moço, eram mais tocadas que cantadas* (Figuras 10 e 11).



Figuras 10 e 11: Grupo de forró pé de serra composto por quatro integrantes, com zabumba, triângulo e sanfona e outro artista tocador de sanfona. Fonte: Próprio autor, 2014.

Os músicos do talhado exercem mais de uma atividade econômica. Como eles mesmos apontaram nas entrevistas a cidade não dá condição semanalmente para os grupos se apresentarem em bares ou clubes. Assim passaram a viver da renda de outros trabalhos como mototaxista, pedreiro, entre outros. Mesmo os trios de forró pé-de-serra possuindo grande influência nos aspectos culturais da comunidade do Talhado, não pode deixar de destacar a importância financeira dessa prática para o grupo. Essa atividade possui grande influência financeira e cultural para o povo do Talhado, mas, muitos são os desafios a serem vencidos por esses artistas que travam quase que diariamente uma batalha em busca da afirmação e

reconhecimento do seu estilo musical. Das dificuldades encontradas F. B. S. (Músico) diz que:

O problema é a falta de apoio às vezes tem uma festinha ai à prefeitura vai e chama uma banda de fora mais conhecida, agente só toca mais no tempo do São João. Outra coisa a maioria dos jovens eles não que mais saber do forró pé de serra mais não, o negocio agora são as bandas mais conhecidas, as bandas grande. Mais mesmo assim sempre da pra tocar umas festinhas aqui outra acola, vez em quando aparece uma.

Sobre as dificuldades encontradas pelos músicos com a prática do forró pé-de-serra aponta-se que a falta de incentivo dos órgãos governamentais, falta de apoio cultural e a desvalorização do ritmo são os maiores desafios a serem vencidos na luta para permanência do estilo musical, pelo qual se tornaram conhecidos. Ressaltando o que foi dito anteriormente, os trios de forró do Talhado são quem fazem a alegria das tardes e noites do São João de Santa Luzia e regiões circunvizinhas, mas quando passa o período das festas Juninas, eles perdem espaço para as bandas que divulgam as novas tendências musicais.

Diante da discursão a cerca dos fatores socioculturais das comunidades rural e urbana dos quilombolas da Serra do Talhado, se identificou a forte representatividade cultural e econômica da produção de louça e a musicalidade realizada por esse grupo, desde o início de sua formação até os dias atuais (Figuras 12 e 13). Na pesquisa realizada junto à comunidade no período de novembro a dezembro de 2013, num total de 100% dos entrevistados, apontaram estes dois elementos como os principais aspectos culturais que mais representam à comunidade quilombola do Talhado.



Figuras 12 e 13: Ceramista produzindo uma tigela e o grupo musical de forró pé de serra. Próprio autor, 2014.

Os fatos transcritos apontam que a comunidade de quilombo rural e urbana do Talhado reconhece a importância cultural das suas práticas cotidianas que o grupo vem desenvolvendo ao longo dos tempos com base sociocultural e econômica da comunidade. A música foi

desenvolvida como uma forma de entretenimento, já a produção de louça sempre foi a sustentação econômica, e hoje os dois juntos acabaram por si só transformando-se tanto num complemento de renda para as famílias, mais também se configurando como a identidade cultural do grupo.

3.6 Da Vivência do Campo à Cidade: uma perspectiva de um retrato das experiências vivenciadas na comunidade quilombola do Talhado

Nas últimas décadas a comunidade rural do Talhado vem sofrendo um intenso processo migratório que está alterando completamente a dinâmica organizacional do grupo. A cada ano um número representativo de pessoas vem abandonando a serra, e mesmo após o grupo ter sido reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como comunidade quilombola, este fato não inibiu o êxodo da população para a zona urbana de Santa Luzia. Acredita-se que, essa situação se dá pelo fato da região onde está localizado o quilombo não oferecer mais as condições mínimas de sobrevivência para essa gente.

O processo migratório vivenciado pelos habitantes do Talhado não se constitui apenas enquanto um meio de aumentar o padrão econômico, mas antes, e principalmente, enquanto uma condição de sobrevivência, do indivíduo e da comunidade. A migração se torna uma alternativa em meio às dificuldades apresentadas pela escassez de terra e conseqüentemente de trabalho. (ARAÚJO, 2011:p. 81).

Certo que este deslocamento não busque apenas o retorno financeiro para o grupo, mas, contudo acaba por influenciar diretamente na dinâmica econômica da população. Já que, a Serra do Talhado não oferece condições de emprego e renda para que as famílias possam permanecer e viver com dignidade, conforme afirma a Sr.^a N. C. (Louceira):

Era um tempo muito difícil, chegava assim essa hora de tarde a gente não tinha nada pra dar aos meninos pra eles comer. Não tinha nem uma bolacha, o jeito era dar farinha com rapadura e quando não tinha a rapadura era farinha com água. Era um tempo muito sofrido. Deus mim livre de passar de novo o que eu já passei no talhado. Hoje graças a Deus todo mundo tem uma bolacha pra comer, tem um feijão uma coisa e outra. Depois que agente veio pra rua às coisas melhorou muito, ainda tem dificuldade mais não é como antigamente não. Hoje quase todo mundo tem uma casinha pra morar, uma moto, tem gente que tem até carro. A vida é outra!

A entrevistada enfatizou ainda as dificuldades pelas quais passou no tempo em que morou no Quilombo da Serra do Talhado, principalmente as de cunho econômico ao relatar os momentos difíceis que vivenciou para criar seus filhos. Também destaca as melhorias que ocorreram para a população depois de fazer o processo migratório e se instalarem no quilombo urbano.

Observou-se que além dos problemas climáticos que foi um dos elementos que mais castigou a região ao longo dos tempos, outro fator que veio influenciar o êxodo da população do talhado para a cidade de Santa Luzia foi os de caráter socioeconômico, já que a região não disponibiliza de meios de subsistência para essa gente. A migração é apontada como uma maneira de garantir a sobrevivência do grupo. Das mudanças ocorridas na sua vida após vir morar na cidade de Santa Luzia, L. S. (músico) diz:

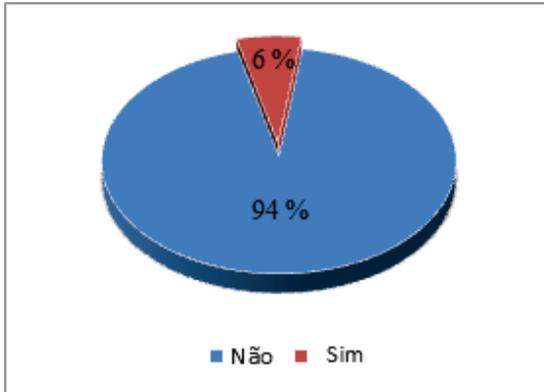
Depois que minha família veio embora da Serra do Talhado mudou muita coisa, melhorou 100%, consegui estudar, arrumar emprego que antes não tinha, comprei um carro, melhorou a minha situação financeira, tudo ficou melhor. Lá as coisas são tão difícil que tem primo meu que ainda mora lá e não tem nem uma bicicleta pra andar. Não tem trabalho, não chove mais pra o povo plantar, e quando adocece uma pessoa o sufoco é grande para trazer no hospital... A vida na serra é dura.

De fato, todos os motivos que levaram essa gente deslocar-se do seu lugar de origem e buscar melhores condições de vida e trabalho, ficou evidente em cada discurso dos antigos moradores da serra que a vida na comunidade nunca foi fácil. Essas pessoas travavam uma batalha diariamente empenhada pela sobrevivência do grupo e melhores condições econômicas. Araújo (2011) enfatiza dizendo:

A necessidade de migrar produziu impactos tanto para os que migraram quanto para os que permaneceram no Talhado, ambos com a esperança do regresso. Além de ocasionar mudanças no formato da organização assumido pela comunidade, o movimento migratório produziu novos grupos em ambientes externos ao Talhado.

Muitos foram os impactos socioculturais e econômicos produzidos pelos efeitos da migração com os indivíduos que por diversas razões tiveram que deixar seu lugar de origem em busca de novas oportunidades. Em consequência do alto número de pessoas migrando para a zona urbana, com o passar dos anos acabou por se formar a comunidade urbana da Serra do Talhado. Foi neste novo cenário que este povo tão sofrido e castigado pela história, natureza e o tempo começaram a reescrever uma nova história, mesmo diante das inúmeras dificuldades que lhe foram impostas. Na pesquisa de campo desenvolvida junto à comunidade rural e urbana do Talhado, identificaram-se algumas variáveis que apontam as diferenças socioeconômicas entre as duas comunidades como, por exemplo, as condições de moradia (Gráficos 12 e 13).

Gráfico 13: Casas de taipa na comunidade urbana



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Gráfico 14: Casas de taipa na comunidade rural

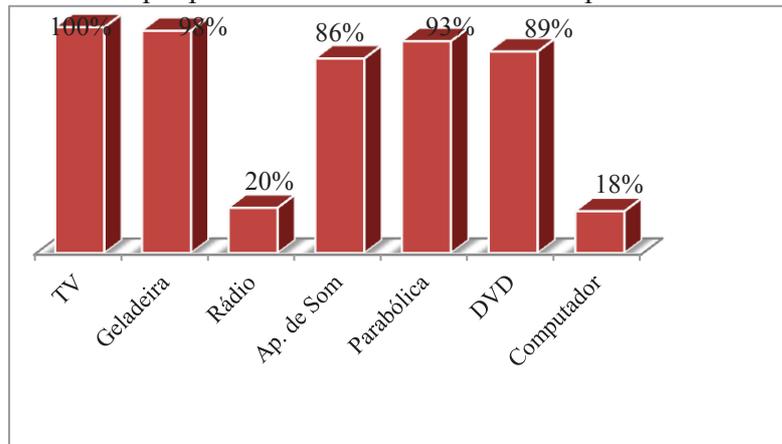


Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Analisando os dados acima, identifica-se que o número de casas de taipa localizadas no quilombo urbano chega a ser insignificante quando comparado com o rural. Praticamente metade da população que mora na serra ainda encontra-se residindo neste tipo de moradia típica da comunidade, e muito comum de ser encontrada em toda região do quilombo da Serra do Talhado. Sobre a construção de casas de taipa no Talhado. Nóbrega (2007) fala: *a casa de taipa além de constituir um modelo de atividade cultural predominante, apresenta um contexto de solidariedade, pois une a todos na hora de construir.*

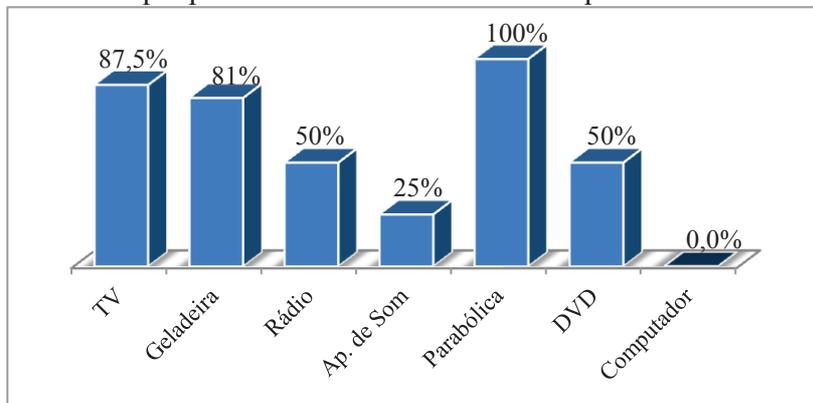
Certo que essas casas de taipa representam para a comunidade um dos seus aspectos culturais. Mas, também está intrinsecamente ligada à estrutura econômica em que as pessoas do grupo encontram-se, pois este é um tipo de moradia que não oferece nem um tipo de conforto e segurança, sem contar que é um dos esconderijos preferidos pelos barbeiros que são os insetos responsáveis pela transmissão da doença de Chagas. Os eletrodomésticos que as famílias dispõem para uso nas suas residências é outra variável importante a ser discutida, em meio a esse processo de experiências vivenciadas pelas populações rural e urbana, bem como as facilidades dessa população adquirir esses produtos mais facilmente no âmbito urbano onde residem (Gráficos 15 e 16).

Gráfico 15: Famílias que possuem eletrodomésticos no quilombo urbano



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Gráfico 16: Famílias que possuem eletrodomésticos no quilombo rural



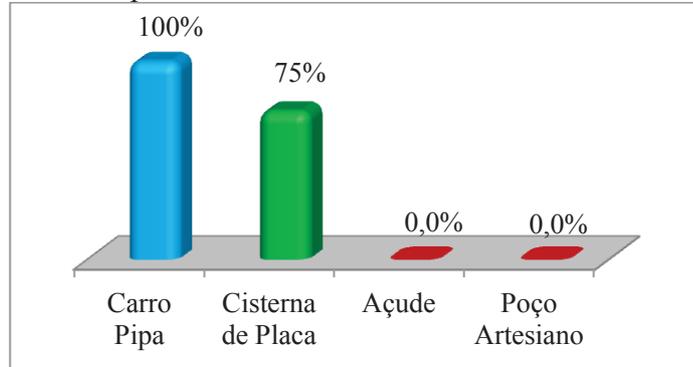
Fonte: Pesquisa direta, 2013.

Diante das informações apresentadas nos gráficos acima, e considerando que os itens pesquisados são classificados como básico, encontrado facilmente na maioria das casas das famílias brasileiras. A partir da análise desses dados percebe-se a diferenciação socioeconômica existente entre populações de um mesmo grupo cultural – remanescentes de escravos, que possuem as mesmas origens mais que estão ocupando espaços completamente diferentes, entretanto oferece a população de quilombolas oportunidades bem distintas. Vale salientar que encontram-se no gráfico 16 algumas respostas contraditórias, quando 100% dos entrevistados responderam possuir antena parabólica, mas, apenas 87,5% disseram ter nas suas residências aparelho de Tv.

E conseqüentemente a isto estão inseridas em contextos sociais completamente contrários. Outro dado importante que merece ressalva é a porcentagem de famílias inseridas no contexto da inclusão digital, visto que apenas 18% da população do quilombo urbano possuem computador em casa, enquanto que na comunidade rural não foi registrado a presença desse importante meio de comunicação. Outro exemplo, utilizado para demonstrar as

condições econômicas das comunidades urbana e rural, foi a origem da água consumida pela população.

Gráfico 17: Água consumida pela comunidade rural

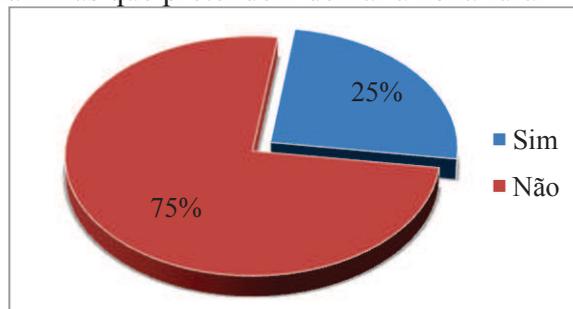


Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Enquanto que a comunidade urbana do Talhado disponibiliza de água encanada, esgotamento sanitário e ruas pavimentadas. O grupo rural nos anos de seca depende de ações governamentais, bem como água transportada por carro pipa, para que chegue às casas das famílias, e cestas básicas, como forma de mitigar os problemas enfrentados por este grupo. Isto ocorre devido os reservatórios de água terem secado em consequência dos longos anos de estiagem que vem ocorrendo, e que segundo relatos de alguns moradores o poço artesiano da comunidade rural se encontra quebrado deixando a população a mercê do abastecimento feito exclusivamente pelos carros pipas.

A água que chega até a comunidade fica armazenada nas cisternas de placas, é usada para os afazeres domésticos e dá de beber a pequena criação de gado. Analisando a situação entende-se que as condições nas quais essa gente está inserida são preocupantes, em virtude dessa população depender diretamente das ações de órgãos públicos para que possam ter água para consumo nas suas casas. Diante das dificuldades pelas quais esses passam para que possam continuar vivendo na Serra do Talhado. Para melhor esclarecer essa problemática foi perguntado aos entrevistados se pretendiam deixar a zona rural.

Gráfico 18: Número de famílias que pretendem deixar a zona rural



Fonte: Pesquisa direta, 2014.

Em conformidade com o Gráfico 18, apenas um quarto da população, correspondente a 19 famílias pretendem sair do quilombo rural e deslocar-se para o quilombo urbano, isso correspondendo que 75% da população restante da Serra do Talhado não pretendem deixar o lugar. Segundo as informações de alguns entrevistados, a seca seria o principal motivo que os levariam a migrar em direção a cidade, além de afirmarem que vão ficar até quanto for possível. Nessa perspectiva, verificou-se que os atores que não querem deixar a serra são compostos por pessoas mais velhas, que afirmaram: *não me acostumo com a vida na cidade*.

Entende-se que os movimentos migratórios que essa gente vem fazendo ao longo das últimas décadas, foi a única alternativa encontrada pela população do quilombo rural da serra do talhado às adversidades presentes no lugar. Como consequência a essa situação acabou por se criar um espaço externo ao grupo rural, no caso a comunidade urbana de serra do talhado no município de Santa Luzia-PB. Com isto os movimentos populacionais acabaram por influenciar diretamente na dinâmica socioeconômica dos que fizeram o deslocamento em direção à cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As alterações socioculturais e econômicas que vem ocorrendo na comunidade da Serra do Talhado em Santa Luzia-PB, devido os efeitos dos movimentos populacionais, através do processo de migração rural-urbana, esta se destaca também como muitos outros grupos quilombolas do Brasil, que tem origem de remanescentes escravos. Pois, a criação de espaços externos com relação a Serra do Talhado tem como base fundamental, principalmente, em fatores naturais e/ou humanos decorrentes da seca, falta de trabalho, educação, saúde, desejo de morar na cidade, falta de políticas públicas, no qual por meio da migração buscam sobreviver.

A partir das informações levantadas com a população do Talhado que migrou em direção à cidade, identifica-se que esse processo teve início entre os anos de 1970 e 1980, tendo como principais causas as grandes estiagens que ao longo dos tempos sempre se fizeram presentes na região. Quando a maioria da população do Talhado desceu a serra e firmou moradia na zona urbana de Santa Luzia, continuaram a desenvolver suas práticas culturais, como a produção de louça ceramista e os grupos de música dentro de um novo cenário que os mesmos consideraram oferecer possibilidades bem distintas das encontradas pela população no quilombo rural.

Nessa perspectiva fica evidente que este povo sofrido necessita urgentemente de ações governamentais e políticas públicas, que viabilize novas projeções econômicas para essa gente, para que a comunidade rural possa continuar habitando o quilombo da serra. Analisando os movimentos populacionais feitos pelo grupo no decorrer de sua história, evidencia-se que há muitos anos este lugar não oferece mais as mínimas condições de sobrevivência a população.

Perante as narrativas e os dados obtidos através da pesquisa de campo, conclui-se que as experiências vivenciadas por aqueles que migraram e os que permaneceram na Serra do Talhado são completamente contrárias uma a outra, em razão do que se pode denominar de ascensão social obtida pelas famílias que fizeram o traslado em direção ao quilombo urbano. Esses atores encontravam-se vivendo num contexto social que não os oferecia qualquer chance de melhorias na qualidade de vida. Esta afirmativa baseia-se nos depoimentos citados anteriormente onde os indivíduos que migraram testemunham as melhorias na qualidade de vida, na situação financeira, vínculos empregatícios e a aquisição de veículos automotores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. B. Tornando-se Quilombola no Monte São Sebastião (Santa Luzia/PB): estenografando as discussões sobre origem e a questão dos direitos no idioma do Parentesco. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande-PB 2011. 161p.

ARAÚJO, E. B. & RANGEL M. R. Contando História(s) Sobre um Lugar e o seu Fundador: o quilombo do Talhado. *Anais*. XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-atas Brasil. 04 a 07 de Setembro de 2012. Teresina-PI: UFPI. p.01-20.

BARBOSA, R. F. Escravismo na América Portuguesa “Refúgios e Revoltas”. *Anais*. XII Semana de História Saber Histórico na Sala de Aula: diálogos, convergências e divergências. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Setembro, 2009. Três Lagos: MT: UFMS/CPTL. p.213-222.

BELTRÃO, B. A. *Et al.* Diagnóstico do Município de Santa Luzia-PB. *Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea no Estado da Paraíba*. Recife-PE: 2005.

BRASIL. *Lei N° 601, de 18 de Setembro de 1950*. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm> Acesso: 08 dez 2013.

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília-DF: Senado Federal, 1988.

_____. *Decreto, N° 4.887, de 20 de novembro de 2003*. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso: 08 dez 2013.

_____. República Federativa do Brasil. *Programa Brasil Quilombola*. Comunidades Quilombolas Brasileiras: regularização fundiária e políticas públicas. Piracicaba-SP/Brasília-Brasil, 2007. 156p.

_____. *Lei N° 3.353, de 13 de Maio de 1888*. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM3353.htm>. Acesso: 15 dez 2013.

DAMASDCENO, J. Indicadores Químicos, Físicos Biológicos e Sócio Econômico no Núcleo de Desertificação do Seridó Ocidental da Paraíba. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós Graduação em Agronomia. Areia-PB: UFPB, 2008. 156p.

LEITE, I. B. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Textos e Debates-Nuerippgas/CFHIUFSC*. Campus Universitário I. Florianópolis-SC: UFSC, 2000. p.333-354.

MOBRAL. Movimento Brasileiro de Alfabetização. *Livro do Município de Santa Luzia-PB*. João Pessoa: UNIGRAF, 1984. (Coleção Livros do P Municípios, - 001). 180p.

NÓBREGA, J. E. Comunidade Talhado: um grupo étnico de reminiscência quilombola: uma identidade construída de fora?. *Dissertação de Mestrado*. Programa Interdisciplinar em Ciências da Sociedade. Campina Grande-PB: UEPB, 2007. 150p.

NORONHA, L. *Documentário Arruada*. Comunidade Talhado – Santa Luzia/PB. Produção: Instituto Joaquim Nabuco e Pesquisas Sociais-PE, 1960. PMCSA. Prefeitura Municipal de Cabo de Santo Agostinho-PE. Vídeo - Onze Negras: comunidade quilombola. PMCSA. Cabo de Santo Agostinho-PE, 2007.

REVISTA QUILOMBOS HOJE. *Uma historia que se Conta*. Equipe do Centro de Cultura Luiz Freire e do Instituto Sumaúma. Recife-PE: UFPE. 32p.

SANTOS, A.; & DOULA, S. M. Conquista Territorial Quilombola e Extensão Rural: novas perspectivas, novos desafios. *Anais*. VIII Congresso Latino-americano de Sociologia Rural. Porto de Galinhas-PE, 2010. p.127-149.

SANTOS, M. J. S. Territórios Quilombolas da Serra do Talhado. *Projeto de Cooperação Técnica*. Apoio às Políticas e à Participação Social no Desenvolvimento Rural Sustentável. PCT IICA/MDA – NEAD 2009. 13p

SCHMITT, A.; Et. al. A Atualização do Conceito de Quilombo: identidade e Territórios nas Definições Teóricas. *Ambiente & Sociedade*. Ano V – N 10 – 1 Semestre de 2002. Campinas-SP: UNICAMP, 2002. p.01-08.

SILVA, S. R. Quilombos no Brasil: A Memória Como Forma de Reinvenção da Identidade e Territorialidade Negra. *Anais*. XII Colóquio Internacional de Geocritica. Bogotá-Bolívia, 2012. p.01-14.

SIQUEIRA, M. L. *Quilombois no Brasil e a singularidade de Palmares*. Disponível: <<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/quilombos-no-brasil.pdf>>. Acesso: 05/12/2013.

SITE: *A História da Escravidão Negra no Brasil*. Disponível: www.geledes.org.br/esquecer-jamais/ /14716-a-historia-da-escravidao-negra-no-brasil. Acesso: 07/02/2014.

SOUZA, D.; & JARDIM, D. *Quilombos: territórios de memória e de identidade*. Disponível: < <http://www.palmares.gov.br/2012/04/quilombos-territorios-de-memoria-e-de-identidade/>>. Acesso: 10 dez 2013.

SOUZA J. A. & BATISTA, M. R. R. O Desafio Posto Pelas Visões Divergentes dos ‘Antropólogos’ Sobre as Comunidades Quilombolas do Talhado. *Anais*. 27ª Reunião Brasileira de Antropologia. 01 e 04 de Agosto de 2010. Belém-PR: Antropologia, Estado e Espaços Públicos, 2010. p.01-20.

REIS, J. J. Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil. *Revista da USP – Povo Negro*. Dezembro a fevereiro de 1995-1996. São Paulo: USP, 1995. p.15-39.

APÊNDICE

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia
Campina Grande - PB

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL (Comunidade do Talhado Rural)

1. Perfil do(a) Entrevistado(a)

(1) Sexo: Masculino ~ Feminino

(2) Idade: _____

(3) Grau de instrução do entrevistado: analfabeto; ~ ensino fundamental incompleto; ~ ensino fundamental completo; ~ ensino médio incompleto; ~ ensino médio completo; ~ ensino superior incompleto; ~ ensino superior completo.

(4) É casado (a)? sim não- Se sim, naturalidade do cônjuge: _____

(5) Função do entrevistado na comunidade: apenas assentado; ~ líder comunitário; ~ presidente da associação; ~ outro _____

(6) Conhece a história de ocupação da área? sim ~ não

2. Variável Social (Rural)

(1) Quais motivos o levaram a não deixar a Zona Rural: _____

(1.1) Mas, pretende um dia deixar a zona Rural? sim ~ não

(2) Tamanho médio da família morando em casa na zona rural? ~ 1-2 pessoas; ~ 3-5 pessoas; ~ 6-8 pessoas; ~ acima de 8 pessoas

(3) Existe atendimento de saúde regular, para vacinação, acompanhamento de gestantes e crianças na comunidade rural? sim ~ não

(4) A casa na comunidade rural é de alvenaria (feita de tijolos)? sim não-

(4.1) É coberta de telha? sim não-

(4.2) O piso da casa? cimentado; ~ chão batido; ~ cerâmica; ~ outro _____

(5) A casa na comunidade rural possui: fossa séptica; ~ banheiro com sanitário interno; ~ banheiro com sanitário externo;

outro tipo: _____

(6) Água para o consumo na comunidade rural vem: cisterna de placa; ~ poço artesiano; ~ rio; ~ açude; ~ Outro _____

(7) Possui energia elétrica? sim não

(8) Qual desses tipos de equipamentos possui em casa?

TV; ~ geladeira; ~ rádio; ~ aparelho de som; ~ antena parabólica; ~ vídeo/DVD;

Computador; ~ outros: _____

(9) Qual a fonte de energia usada para cozinhar os alimentos? carvão/lenha; gás; carvão/lenha e gás; outro _____

(10) Quais as condições de acesso (Qualidade da estrada)? péssima; regular; boa; ótima.

(11) Possui algum meio de transporte? sim Não

(11.1) Caso sim, qual/quais? _____

(12) O (a) Sr (a) é participante da associação de quilombolas? sim não

(13) Ocorreram melhorias na Comunidade após o reconhecimento? sim não

(13.1) Caso sim qual/quais? _____

3. Variável Econômica (Rural)

(1) Tem Filhos? sim não

(1.1) No caso de “sim”, quantos? _____

(2) Qual a sua principal fonte de renda: (pode marcar mais de uma)

Produção de louça

Grupos de música

Trabalho formal (carteira assinada)

Aposentadoria

Agricultura

Outros. Quais: _____

(2.1) Se você trabalha com a produção de louça Quais os principais desafios? _____

(2.2) Se você trabalha nos grupos de musica Quais os principais desafios? _____

(3) Qual a sua renda média mensal?

Até 1 SM De 1 a 2 SM De 2 a 3 SM De 3 a 4 SM Mais de 5 SM

(4) Possui outros tipos de renda? sim não

(4.1) Caso sim, qual/quais? _____

(5) Quantas pessoas dependem diretamente da sua renda? _____

(6) Recebe algum tipo de benefício do Governo? sim não

(6.1) No caso de sim, Qual / Quais: _____

4. Variável cultural (Rural)

(1) A produção artesanal de louça, e os grupos de Forró pé de Serra, são os principais aspectos culturais que mais representam à comunidade Quilombola do talhado? sim não

(1.1) Caso não, quais outros? _____

**QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL
(Comunidade do Talhado Urbano)**

1. Perfil do (a) Entrevistado (a)

(1) Sexo: Masculino ~ Feminino

(2) Idade: _____

(3) Grau de instrução do entrevistado: analfabeto; ~ ensino fundamental incompleto; ~ ensino fundamental completo; ~ ensino médio incompleto; ~ ensino médio completo; ~ ensino superior incompleto; ~ ensino superior completo.

(4) É casado (a)? sim não - Se sim, naturalidade do cônjuge: _____

(5) Função do entrevistado na comunidade: apenas assentado; ~ líder comunitário; ~ presidente da associação; ~ outros

(6) Conhece a história de ocupação da área? sim ~ não

2. Variável Social (Urbana)

(1) Veio da comunidade Rural? ~ sim ~ não (Caso não, passar para a pergunta 2)

(1.1) Caso sim, o que mudou na sua vida após vir morar na comunidade urbana?

(1.2) Ainda em relação à pergunta 2, o que lhe motivou para sair da comunidade rural?

(2) Tamanho médio da família morando em casa na zona urbana? ~ 1-2 pessoas; ~ 3-5 pessoas; ~ 6-8 pessoas; ~ acima de 8 pessoas

(3) A casa na comunidade urbana é de alvenaria (feita de tijolos)? sim não- É coberta de telha? sim não O piso da casa? cimentado; ~ chão batido; ~ cerâmica; ~ outro _____

(4) A casa na comunidade urbana possui: fossa séptica; ~ banheiro com sanitário interno; ~ banheiro com sanitário externo; ~ outro tipo: _____

(5) Possui algum meio de transporte?

sim Não

(5.1) Caso sim, qual/quais? _____

(6) O (a) Sr (ª) é participante da associação de Quilombolas? sim não

(7) Qual desses tipos de equipamentos possui em casa?

TV; ~ geladeira; ~ rádio; ~ aparelho de som; ~ antena parabólica; ~ vídeo/DVD;

Computador; ~ outros: _____

(8) Qual a fonte de energia usada para cozinhar os alimentos? ~ carvão/lenha; ~ gás; ~ carvão/lenha e gás; ~ outro _____

(9) Quais as principais mudanças que ocorreram após o reconhecimento do talhado como uma comunidade Quilombola? _____

3. Variável Econômica

(1) Tem Filhos? sim não

(1.1) No caso de “sim”, quantos? _____

(2) Qual a sua principal fonte de renda: (pode marcar mais de uma)

Produção de louça

Grupos de música

Trabalho formal (carteira assinada)

Aposentadoria

Agricultura

Outros. Quais: _____

(2.1) Se você trabalha com a produção de louça quais os principais desafios? _____

(2.2) Se você trabalha nos grupos de musica quais os principais desafios? _____

(3) Qual a sua renda média mensal?

Até 1 SM De 1 a 2 SM De 2 a 3 SM De 3 a 4 SM Mais de 5 SM

(4) Possui outros tipos de renda? sim não

(4.1) Caso sim, qual/quais? : _____

(5) Quantas pessoas dependem diretamente da sua renda? _____

(6) Recebe algum tipo de benefício do Governo? sim não

(6.1) No caso de sim, Qual / Quais: _____

4. Variável cultural

(1) A produção artesanal de louça, e os grupos de Forró pé de Serra, são os principais aspectos culturais que mais representam à comunidade Quilombola do talhado? sim não

(1.1) Caso não, quais outros? _____
